



OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL DO GRUPO

AMIGOS DE LISBOA

— N.º 61



JANEIRO DE 1953

Teodoro Lopes Ramos



O mais antigo fabricante de
Lanternas estilos D. João V,
Renascença, Pombalino,
D. Maria I, etc.



Fornecedores de LANTERNAS para MINISTERIOS
O. P., PALÁCIO DE QUELUZ, POUSADAS de
TURISMO, S. P. N., PALACIOS e SOLARES
PORTUGUESES, etc.



119 — RUA DO DIARIO DE NOTICIAS — 119

(Esquina da Travessa da Queimada)

LISBOA

CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161/Telef. 2 4264-65 P. B. X./LISBOA
Rua Sá da Bandeira, 166/Telef. 1361 P. B. X./PORTO

Secções de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria, Luvária, Perfumaria e todos os artigos para

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Preços fixos e marcados em todos os artigos
ON PARLE FRANÇAIS ENGLISH SPOKEN

ÂNGELO G. RAMALHEIRA

— ENGENHEIRO CIVIL —

CONSTRUÇÕES
PROJECTOS DE ESTABILIDADE
BETÃO ARMADO

Avenida Sidónio Pais, 14, r/c.-E.
TEL. 4 9313 — LISBOA

— e —
Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º
Telefone 2 6251 — PORTO

COMPANHIA

— DE —

DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
com o capital de Esc. 179.300.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes na Província
de ANGOLA em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL:

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 12 - 2.º — Teleg. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Cor. António Lopes Mateus

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS

Mr. Firmin Van Brée

VICE - PRESIDENTE

Banco Burnay

ADMINISTRADOR - DELEGADO

Com. Ernesto de Vilhena

Direcção Geral na Lunda Representação em Luanda

Director geral

José Tavares Paulo

Representante

Cap. Mário Augusto da Costa

EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA TEL.º 62177-82178
AVENIDA 24 DE JULHO 158 - LISBOA

ADQUIRIR O NOSSO MATERIAL
É GARANTIA DE OBTER MATERIAL DE QUALIDADE SUPERIOR

LÂMPADAS

LUMIAR

MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES
GERADORES

ENAE

Fabrico nacional



AMIGOS DE LISBOA

Para efectuarem os seus Seguros,
preferam a conhecida Companhia
Inglésa

LEGAL & GENERAL

com Sede em PORTUGAL na
Avenida dos Aliados, 58
PORTO

Em LISBOA
Rua do Alecrim, 38-2.º

**FOGO — ACIDENTES
PESSOAIS — CRISTAIS**

VINHO DO PORTO

« GRAHAM »

« Emperor »
« Five Crowns »
« Six Grapes »
« Imperial Dry »

— «Tawny» Velhíssimo
— Muito velho e sêco
— «Vintage» Velho do casco
— «Ruby» Leve



GUILHERME GRAHAM JNR. & C.^A

Rua dos Fanqueiros, 7
Lisboa Tel. 20066-9

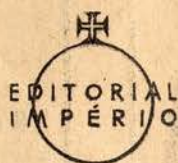
Rua dos Clérigos, 6
Porto Tel. 26961/2

Distribuidores no Sul

JOSÉ LUIZ SIMÕES — LARGO DO CHIADO, 17 — LISBOA

UM BOM LIVRO
UM BOM JORNAL

SÓ NA



MARCA REGISTRADA

COMPOSIÇÃO MECÂNICA



TRABALHOS GRÁFICOS
EM TODOS OS GÊNEROS



151, RUA DO SALITRE, 155—LISBOA
T E L E F O N E P B X 5 3 1 7 3 / 4

TELE { FONES: 58135-58136
GRAMAS: MALHAS



CÓDIGOS { ABC — 5.ª Edição
R I B E I R O

MARCA REGISTRADA

SIMÕES & C.ª, LIMITADA

AVENIDA GOMES PEREIRA — BENFICA

FUNDADA EM 1907

A mais importante Fábrica de artefactos de malha do País. Fabricação de meias, peúgas, camisolas e roupa de malhas para homens, senhoras e crianças, em algodão, lã e sêda

CRIADORA DAS BEM CONHECIDAS E ACREDITADAS MEIAS NYLON «SUPREMA»

E «LONG-LIFE» E DAS ROUPAS «SUPREMA»

Os «Amigos de Lisboa»

preferem, para os seus seguros, a

IMPÉRIO

Uma COMPANHIA DE SEGUROS que honra Lisboa

Porcelanas da Vista Alegre

Já há seis gerações que os lisboetas as apreciam

===== LARGO DO CHIADO, 18 — LISBOA =====

Pérola do Rocio, L.^{da}

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas, para todo o país e estrangeiro

Rocio, 105 - LISBOA Telefone 2 0744

OURIVESARIA DA GUIA

FUNDADA EM 1875

JÓIAS ♦ OURO ♦ PRATA ♦ RELÓGIOS

Rua Martim Moniz, 2-10 — Telefone 28336
Rua da Mouraria, 7-11 —————> LISBOA

Telef. 2 0244

Teleg. PAPELCAR

PAPELARIA CARLOS

DE — CARLOS FERREIRA, L.^{DA}

34, RUA DO OURO, 38

LISBOA

Especialidade em livros para ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Grande sortido de artigos para DESENHO E ESCRITÓRIO

Oferta

27. JUL. 1983

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XVI

JANEIRO DE 1953

NÚMERO 61

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

Edição e Propriedade do

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

Redacção e Administração: Rua Garrett, 62, 2.º — Telefone 2 5711

Comp. e imp. na «Editorial Império, Lda.» — Rua do Salitre, 151/155



SUMÁRIO

	Pág.
Roberto de Araújo †, por Matos Sequeira	3
A Campa do descobridor da Índia, por J. M. Cordeiro de Sousa	5
Manuel da Maia e a Planta de Lisboa, por Alfredo Ferreira	
do Nascimento	8
O Museu Militar, por Henrique Marques Júnior	17
A Bemposta (O Paço da Rainha), por Luís Moita	30
Colectânea de jornais	34
Vistas de Lisboa, por António de Aguiar	49
Feira da Ladra	58
Ação Cultural do Grupo «Amigos de Lisboa» durante o ano	
de 1952	63

NA CAPA — Torre de S. Pedro ou de Alfama, no Largo de S. Rafael (*Desenho de José Espinho*)

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores



NORBERTO DE ARAÚJO
O seu último retrato, em Setembro de 1950

NORBERTO DE ARAÚJO

por MATOS SEQUEIRA

QUANDO a bandeira dos «Amigos de Lisboa» se desenrolou da haste, um dos primeiros que acorreu a agrupar-se à sua volta foi Norberto de Araújo. Ele amava verdadeiramente a sua Lisboa natal, e, mais do que isso, punha nesse amor um enternecimento de namorado antigo, ainda romântico, com rasgos de sentimentalismo e arroubos de infantilidade afectiva. Via na sua urbe os amavios das coisas modestas, pequeninas, simples, e sabia entendê-las como ninguém. Uma casa pintada de cor de rosa, comovia-o; uma criança pedindo para Santo António, tocava-lhe o coração; uma cantiga popular agitava-o em entusiasmos. Conhecia a cidade de ponta a ponta, e dos pátios aos telhados, dos palácios aos casebres, dos becos às Avenidas, das grandes figuras citadinas aos tipos populares tudo fixara na retina, em sucessivas peregrinações. E sabia referir uma historieta de bairro, uma minúcia de arquitectura, uma lenda, uma suspeita de verdade histórica, com aquela graça de grande escritor popular, adestrada nas lides febris do jornalismo onde foi Príncipe. As Marchas de Lisboa, foram criação sua. Foi ele quem, descendo sem esforço, com prazer, ao plano dos interesses de cada bairro, conseguiu arrancar de todos a sua alegria e a sua expressão próprias, e trazê-las para a rua em teorias agitantes de canções que celebravam as suas grandezas populares, o seu casticismo particular, o seu bairrismo marcante. Os «Amigos de Lisboa» perderam nele um extraordinário colaborador; a

Câmara Municipal de Lisboa, também; a Imprensa da nossa terra uma das figuras mais brilhantes que a tem honrado, e a cidade aquele filho amorável que tão bem a soube amar e cantar numa prosa de ritmos e de hinos que foi sempre verdadeira poesia.

À sua memória, *Olisipo*, enfeixa estas pobres palavras de saudade. Como na canção, por ele criada para a grande Marcha, bem se poderia dizer ao vê-lo deixar a vida que tão intensamente soube viver: — Lá vai Lisboa...

A cidade estava nele e enchia todo o seu coração.



A CAMPA

DO

DESCOBRIDOR DA ÍNDIA

por J. M. CORDEIRO DE SOUSA

No dia 27 do mês de Julho deste ano da graça de 1952 deu entrada no Museu Nacional de Arte Antiga, por oferta do Ex.^{mo} Sr. D. Sebastião de Herédia, uma campá — ou melhor: o terço superior dela — de calcário rosado com 0^m,98 de comprimento, 0^m,72 de largura, 0^m,20 de espessura, pesando 360 quilos⁽¹⁾, e tendo gravada com caracteres latinos de época recente ⁽²⁾ a seguinte inscrição:

(AQ)VI. IAZ O GRANDE ARGO(NA)
(V)TA DOM VASCO DA GAMA PR
CONDE DA VIDIGVEIRA AL
MIRANTE DAS INDIAS ORI
ENTAIS E SEV FAMOZO DES
COBRIDOR.

Esta pedra que talvez nunca abrigasse a ossada do descobridor da Índia, tem apenas o interesse de haver provocado o lamentável engano da transladação para a igreja dos Jerónimos em 1880, de uns ossos que não eram os do Conde-Almirante.

Toda essa caricata cerimónia em que uns embaraçados académicos, ao abrirem a sepultura, deparam com restos de quatro esqueletos em vez do que buscavam vagamente guiados por uma inscrição que podia não ser, e não era, indicação segura; vem largamente descrita no honesto trabalho de Teixeira de Aragão, *Vasco da Gama e a Vidigueira* ⁽³⁾, e no opúsculo de Luciano Cordeiro, *Os restos de Vasco da Gama* ⁽⁴⁾, da série *Vésperas do Centenário*.

(1) Este peso constava da respectiva guia de transporte no caminho de ferro.

(2) Ainda no meado do século XVII esta campá não tinha inscrição, «tendo-a porém, e já a mesma», no século XIX — Luciano Cordeiro, *Os restos de Vasco da Gama*.

De facto a fórmula *Aqui jaz* e o qualificativo *Grande argonauta* indicam o fim do século XVIII, ou mesmo a primeira metade do século XIX.

(3) Lisboa, 1889.

(4) Lisboa, 1896.

Por escritura lavrada em Évora pelo tabelião Domingos Gonçalves, a 7 de Novembro de 1519, D. Jaime, o de Azamor, quarto Duque de Bragança, cedeu a Vasco da Gama o senhorio das suas vilas da Vidigueira e da dos Frades, em troca de uns bons 400:000 reais da tença que o Rei lhe estabelecera, e mais 4:000 cruzados em sonantes moedas de oiro (5).

Na primeira dessas vilas, a que depois seria a sede do futuro condado, haviam os frades carmelitas fundado em 1496, um pequeno convento conhecido pela invocação de Nossa Senhora das Relíquias. Mas como a modéstia da sua igreja não correspondia à grandeza dos novos donatários, «foi construída outra de maiores dimensões» (6) que ficou concluída em 1593.

Na capela-mor fizeram-se duas sepulturas ladeando o altar. Na do lado do Evangelho, dizia-o a crónica manuscrita da casa, foi soterrada a ossada do descobridor da Índia, trazida de Cochim em 1539; na da banda da Epístola, que teria uns 3 metros de comprimento por 1 de largo (7), foram depositadas as de outras pessoas da família do glorioso padroeiro: talvez as de D. Miguel da Gama e sua mãe D. Guiomar de Vilhena, e de D. Francisco da Gama com sua mulher D. Leonor de Távora (8).

Nenhuma destas jazidas tinha qualquer inscrição, pelo menos antes de meado o século XVII.

Correram os anos até que em 1834 foram expulsos os frades, e tudo ficou ao abandono. Certo dia, por 1840, uns selvagens com aspecto de gente civilizada assaltaram a igreja e abriram as sepulturas para roubarem alguns objectos de valor que lá achassem. Em 1841 a igreja e o convento foram postos em almoeda e arrematados por uns míseros três contos e trezentos mil reis (9).

Entretanto, ou que algum dos descendentes do primeiro Almirante dos mares da Índia tivesse mandando insculpir o epitáfio do seu glorioso antepassado na loisa que cobria a cova do lado da Epístola, sem atender à indicação da crónica conventual, que talvez nem conhecesse; ou que, após a profanação de 1840, ao reporem as pedras sobre as covas, tivessem trocado a que ostentava a inscrição, o que não é crível pois 360 quilos não se deslocam facilmente, além do que parece não ter sido violada a sepultura do lado do Evangelho onde em 1897 os

(5) Luciano Cordeiro, *De como e quando foi feito conde Vasco da Gama*, Lisboa, 1892.

(6) T. de Aragão, *Vasco da Gama e a Vidigueira*, cap. 8.º.

(7) Idem, id., cap. 9.º.

(8) Luciano Cordeiro, *Os restos de Vasco da Gama*.

(9) T. de Aragão, obr. cit.

ossos foram encontrados sem vestígios de remeximento; o certo é que aqueles dizeres da campa não correspondiam à verdade.

E os eminentes académicos encarregados oficialmente em 1880 de preparar a transladação das cinzas do descobridor da Índia para o mosteiro dos Jerónimos, não foram mais cautelosos no desempenho da sua missão, trazendo para Belém os restos de quatro esqueletos com que à última hora depararam na Vidigueira, tão surpresos e perplexos que nem lhes ocorreu o que seria natural: abrir a outra cova onde encontrariam, embora por acaso, o que antes deviam ter procurado, e trouxeram para Lisboa, com toda a solenidade, por entre alas de tropa e salvos dos navios de guerra, aqueles quatro esqueletos na esperança de que algum deles fosse o que buscavam.

Só em 1897, preparando-se a celebração do quarto centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia, o engano foi reparado, estudando-se demorada e conscienciosamente o caso ⁽¹⁰⁾, e trazendo-se a autêntica ossada do Conde-Almirante, que ficara tristemente esquecida na sua cova da Vidigueira, para o espalhafatoso túmulo que o patriótico legado de Luz Soriano, e o mau gosto da época, haviam feito colocar nas naves manuelinas de Santa Maria de Belém.



Eis aqui, muito resumidamente, os factos que a entrada desta pedra no Museu Nacional de Arte Antiga, e a amabilidade do seu ilustre Director, convidando-me a examiná-la, me veio recordar.

(10) Logo em 1884 Teixeira de Aragão, para «calar escrúpulos de consciência» fez abrir a cova do lado do Evangelho, após outras investigações.

MANUEL DA MAIA

E

A PLANTA DE LISBOA

por ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

POR meados de 1760, Francisco da Silva Gomes, no seu dizer «homem muito pobre», dirigia uma petição à Vedoria Geral da Corte, pela qual, alegando haver arrendado um pedaço da muralha arruinada à Calçada da Graça, para nela construir uma pequena barraca para seu alojamento e da família, e não o podendo fazer por a tal se opor D. Jorge Francisco Machado de Mendonça (1), com o pretexto de que o terreno, místico ao seu palácio (2), era sua pertença, requeria fosse cancelado o respectivo termo de arrendamento e perdoada a dívida, em que estava, de três mil réis de renda «por não ter com que os pagar».

Manuel da Maia, então engenheiro-mor do Reino e, nesta qualidade, superintendendo em tudo quanto à fortificação dizia respeito, entendeu, antes de mais, ouvir o sargento-mor, lente da Academia Militar, Filipe Rodrigues de Oliveira, o qual foi de parecer, tendo em vista uma informação do escrivão das fortificações José Luís Alvarez, que se deveria averiguar quanto havia sido, oportunamente, concedido a Félix José Machado, a fim de se evitarem dúvidas e litígios. Concordou Manuel da Maia com o parecer e, assim, ordenou em 6 de Agosto que aquele, com um ajudante-engenheiro de sua escolha, procedesse à medição e demarcação de toda a muralha, que na Calçada da Graça pertencesse à fortificação, especificando por quem e a que títulos os respectivos chãos se achavam ocupados não só por D. Jorge Francisco de Mendonça como por outras pessoas.

Entretanto, o engenheiro-mor, certamente sabedor de que D. Jorge procurava, por outras vias, fazer valer o que considerava seu de direito, dirigia em 3 de Julho ao Marquês de Tancos, governador das Armas, uma circunstanciada exposição, da qual não resistimos a transcrever, por assaz curiosos, os seguintes trechos:

(1) Contrariamente ao que supunha Norberto de Araújo — *Peregrinações*, livro 8, pág. 55 e *Inventário de Lisboa*, fascículo VI, pág. 55 — Jorge Francisco Machado de Mendonça não era filho, mas sim neto de Félix José Machado. Seus pais foram Luís Carlos de Mendonça e D. Isabel Catarina Henriques.

(2) Palácio dos Condes de Figueira.

«... ..»

E posto q. o declarado pelo dito Escrivão, edito Sargento-mor seja digno de aceitação, não me parece o que basta para por na conveniente arrecadação a Real Faz.^a pelo que pertence às Fortificações; e q. em q.^{to} V.Ea não alcançar de S. Mag.^{de} huma Providencia e Decreto para q., se não possa tratar couza alguma pertencente á fazenda das Fortificações fora da Vedoria, e que so nella sejam validas as acções que se fizerem, e sentenciarem com a assistência do Ministro Dez.^{or} Fiscal da Junta dos Trez Estados, sem haver apelação, nem agravo para outro algum Tribunal, sendo somente a Vedoria Juiz Arbitro da arrecadação da Real Faz.^a pertencente as Fortificações, e que tudo o que for intentado fora da dita Vedoria seja nulo, não deixara de haver os mesmos embaraços que tem havido ate o presente, e q. jamais se terminarão, porq. como cahem nas mãos da ruina da Republica, que são os Advogados e Procuradores (como lhe chama Manoel de Faria e Souza no tom. 2 da sua Europa fs. 184, fazendo menção de Ley do Rey D. Pedro 1.^o, que os prohibio) os quaes com astucias, e arrezoados suffisticos dilatao os litigios em forma que nunca chegaõ a ter fim, e os q. tem justiça adezamparaõ por acharem mayor mal o gasto, e despesa do dinheiro, e tempo com os Advogados, e Procuradores, doq. a perda das mesmas cauzas, como se esta vendo nos que tem feito arrendamentos a Vedoria, e procuraõ de-zobrigarse delles vexados pelas diuturnas opposiçoens que padecem, o q. tudo tem principio em serem tratadas as ditas cauzas em Tribunaes diferentes da Vedoria, onde não pertenciaõ directam.^e e onde faltaõ as Leys e rezoluçoens por onde se devem governar, e onde se permite todo o malicioso artificio de Advogados e Procuradores, q. trataõ em prim.^o lugar do seu proprio interesse; q. são as dilacões perpetuas.

«... ..»

Rodrigues de Oliveira, auxiliado pelo ajudante-engenheiro José Matias de Oliveira Rego ⁽³⁾, desempenhou-se da missão, dando dela contas, em 29 de Outubro seguinte, através de um minucioso relatório. Neste informa ter começado por mandar levantar uma planta do local com o fim de mostrar os lugares da muralha em causa, e seguidamente ter procurado obter os títulos que autorizavam a ocupação dos mesmos. Iniciando, esta segunda diligência, por D. Jorge Francisco Machado verificou que, entre várias certidões exibidas, de nenhuma cons-

(3) Em 1796 este official, já coronel, dirigia as obras de construção do quartel na calçada da Ajuda, destinado à «Guarda de Corpo a Cavallo» e onde hoje está aquartelado o Regimento de Lanceiros n.º 2.

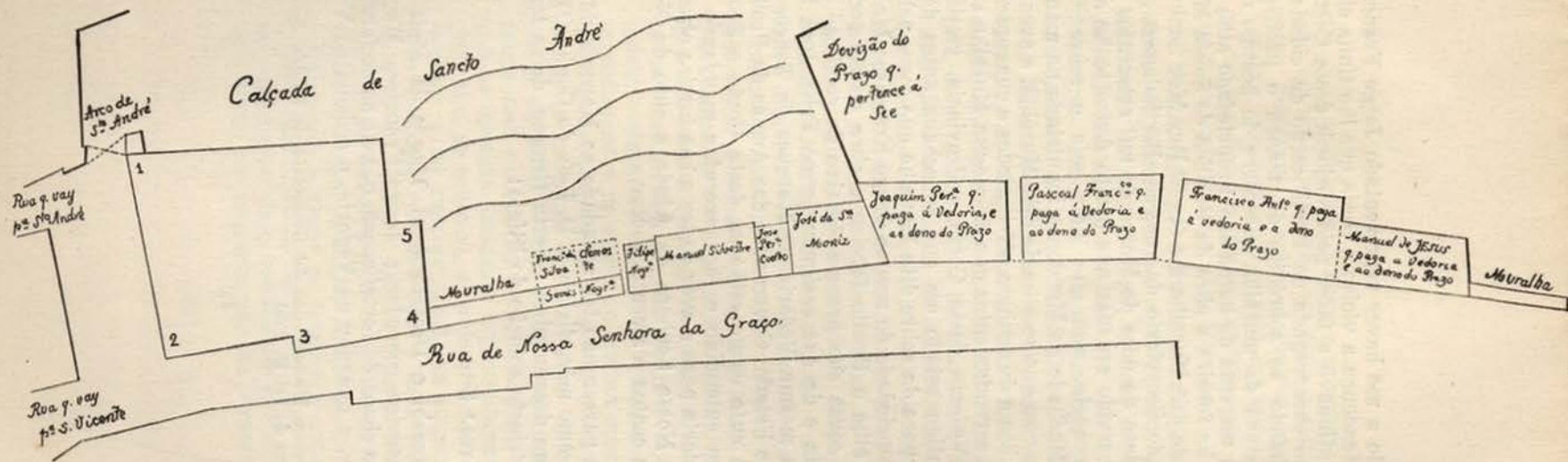
tava, com clareza, que o sítio onde existia o palácio tivesse sido dado por qualquer soberano. Tão-sòmente uma certidão passada por José Antunes, official que havia sido da Vedoria Geral da Corte, mostrava que pretendendo Félix José Machado, no ano de 1717, prolongar o mesmo palácio para o lado da Calçada da Graça (n.ºs 3, 4 e 5 da planta) havia requerido a necessária autorização ao rei D. João V. Por aviso do Secretário de Estado, Bartolomeu de Sousa Mexia, foi ouvido o Duque de Cadaval, então governador das Armas da Corte, que disse não haver inconveniente no deferimento, com a condição, porém, de o interessado assinar termo na Vedoria pelo qual se obrigasse a demolir a obra todas as vezes que tal lhe fosse determinado. A pretensão obteve despacho favorável e o respectivo termo foi lavrado como segue:

«Aos 7 dias de Abril de 1717 na Vedoria G.^a desta Corte, presente o official Mayor della, Ant.º Cardoso de Campos, q. serve de Vedor G.^a, paresseo Felix Joze Machado, morador a Calçada de St.º André, e por elle foy dito se obrigava por este termo, a derribar a obra q. havia de fazer na Muralha velha desta cidade junto das suas cazas, todas as vezes q. se-lhe-mandar, cuja obra, he a q. consta da sua petição, lançada neste Livro a fs. 189 de q. assignou este comigo Escrivão, e com o d.º official mayor. Lix.^a Occidental dito dia — Felix Joze Machado de Mendonça Castro e Vasconcellos — Manuel de Azevedo Silveira — Cardoso —.»

Concluiu Rodrigues de Oliveira esta parte da sua diligência informando que, seguindo a muralha desde o n.º 4 até ao n.º 3, esta deveria continuar para os n.ºs 2 e 1, limites em que a cidade se fixava até ao Arco de St.º André e que, portanto, dos troços 3, 2 e 1, deveria D. Jorge Francisco Machado exhibir o respectivo título, visto que sobre aquele havia sido edificado o palácio. Os troços 3, 4 e 5 correspondiam ao acrescentamento feito por Félix José Machado, em 1717.

Em seguida passou o referido engenheiro a demarcar os chãos arrendados pela Vedoria ao requerente Francisco da Silva Gomes e a Clemente Henriques, os quais, por neles nada ainda haver sido construído, anotou a tracejado na planta. Seguiam-se as casas edificadas por Filipe Nogueira, Manuel Silvestre, José Pereira Coelho e José da Silva Moniz, até ao limite do prazo concedido à Basílica de Santa Maria, todas sobre a muralha, bem como as immediatas, que iam até ao Caracol, pertencentes a Joaquim Pereira, Manuel Francisco, Francisco Andrade e Manuel de Jesus que, por aquele motivo, pagavam renda não só à Vedoria como também à entidade possuidora do prazo. E por aqui se ficou.

Com data de 8 de Novembro um decreto real punha fim à questão, nos seguintes termos:



Filipe de 100 palmos

Planta levantada por Filipe Rodrigues d'Oliveira

«Attendendo a me haver representado Jorge Francisco Machado de Mendonça a violenta força que lhe tinha sido feita, e se lhe continuava a fazer pela Vedoria desta Corte e Provincia como encarregada da Fortificação da cidade de Lisboa, esbolhando ao sobredito da mança e pacifica posse com que estava da muralha que corre do postigo de Santo André pela extrema de huma sua Propriedade athe entestar com a que he foreira a obra da Bazilica de Santa Maria por merce que da dt.^a Muralha lhe fes El Rey Meu Senhor e Pay por Avizo do Secretario das merces Bertholameu de Souza Mexia de data de doze de Março de mil setecentos e dezasete: Sou servido ordenar que o dito Avizo tenha a sua inteira observancia, sem que mais seja o sobredito Jorge Francisco Machado de Mendonça inquietado na mança e pacifica posse com que se acha da dita Muralha, e avendo desde logo por nullos e de nenhum effeito todos e quaesquer afforamentos, ou arrendamentos que da mesma Muralha se tenhaõ feito pela Vedoria desta Corte e Provincia, restituindo-se tudo ao antigo estado em que se achava antes do dia do terramoto, para da sobre dita Muralha que corre pella entestada da Propriedade do mesmo Jorge Francisco Machado de Mendonça athe o Predio foreiro a obra da Sé poder della uzar como couza sua propria debaixo da condiçã com que lhe foi dada e de que assignou termo Felix José Machado seu avô na mesma Vedoria. O Marquez de Tancos do meu Conselho de Estado, Governador das Armas da Provincia do Alentejo, a cujo cargo estão as desta Corte e Provincia o tenha assim entendido e faça executar mandando registrar este na Vedoria para e aver de ter a sua inteira observancia. Palácio de Nossa Senhora da Ajuda a outo de Novembro de mil sete centos e secenta. — Rey.»

A decisão régia parece não ter agradado ao Marquês de Tancos, que, logo a 25 do mesmo mês, dirigiu a D. Luís da Cunha ⁽⁴⁾ a carta seguinte, em que, com desassombro e certa firmeza, deixa transparecer qual teria sido a justa solução do litígio:

«Illm.^o e Exm.^o Snr.

Logo que recebi o Decreto de S. Mag.^{de} da cópia incluza, porq. foi serviço conceder a Jorge Francisco Machado de Mendonça o cham de fortificação, q. nele se declara, o mandei registrar, e guardar na Vedoria, e ordenei ao Vedor Ge-

(4) D. Luís da Cunha Manuel, que foi Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra do rei D. José.

ral, q. o executasse, e fizesse executar; ordenando-lhe também q. me informasse com toda a noticia, e assim antiga, como moderna, q. sobre o mesmo particular houvesse na Vedoria, e clarezas do q. nela contasse, para eu representar ao mesmo Snr. as circumstancias, que encontraõ a supplica, como foi impetrado o dito Decreto.

Tanto não era, nem foi nunca de Jorge Francisco Machado de Mendonça a porção de muralha da Forteficação declarada no dito Decreto, q. nem consta de titulo, ou documento algum, q. o cham, em que se edificaraõ as suas primeiras cazas. lhe fosse concedido por despacho algum, nem dado por S. Mag.^{de}, e só sim, q. querendo seu Avô Felix Jozé Machado continuar as mesmas cazas, fizera requerimento a S. Mag.^{de}, em q. precedendo a necessaria informaçãõ do Duque de Cadaval, lhe concedeo o mesmo Snr., pelo mencionado Avizo do Secretario das Merces, Bartholomeu de Souza Mexia de 12 de Março de 1717, sómente o cham, em q. as acrescentou (de q. assignou termo na Vedoria em 7 de Abril do mesmo ano, com a obrigaçãõ de derribar a obra, q. fizesse, todas as vezes, q. se lhe mandasse) e não a mais porção da Muralha, q. o dito Jorge Francisco Machado com violencia, e conhecido engano quis fazer sua persuadindo-o assim na sua supplica, quando de nenhuma sorte lhe pertencia: Nesta certeza, provada por mediçoens, e demarcaçoens de officiaes Engenheiros peritos, e ultimamente verificada pela Planta incluza, e informaçãõ q. a ela pertence, em q. claramente se mostra não tocar tal porção de muralha ao dito Jorge Francisco Machado, e ser indubitavelmente livre de Real Fazenda, mandei fazer varios arrendamentos do cham da mesma muralha da Forteficação a diversas pessoas q. mos requereraõ para nele fazerem Barracas ou cazas para as suas acomodaçoens das quaes vexou de sorte o dito Jorge Francisco Machado de Mendonça com embaraços de notificaçoens e demandas, q. obrigou as mesmas pessoas a representarem a S. Mag.^{de} a operçãõ em q. se achavaõ, e sendo o mesmo Snr. servido mandar remeter a tal representaçãõ, ou requerimento à Junta dos Trez Estados, rezultou dele o despacho de 5 de Dezembro de 1757 da Cópia a fs. 11 inserta nos papeis incluzos em q. mais se verifica q. a referida muralha era livre, e não tocava a Jorge Francisco Machado, o qual não satisfeito, e continuando a vexar os rendeiros, recorrendo estes a mim, pelos requerimentos incluzos, para a validade dos seus arrendamentos de q. rezultaraõ as informaçõens e documentos juntos ao requerimento de Francisco da Silva Gomes

porq. clara e videntemente se mostra o dezembaraço em q. se achava a sobredita muralha e não ter S. Mag.^{de} feito merce dela ao dito Jorge Francisco Machado, nem ser comprehendida no dito mencionado Avizo do Secretario das Merces, e o dolo, com q. requereo o dito Decreto, representando ao mesmo Snr. q. pela Vedoria se lhe tinha feito, e se lhe continuava a fazer violenta força, esbulhando-o da mança e pacifica posse, em q. estava da muralha por merce q. dela lhe tinha feito o Snr. Rey Dom João Quinto, pelo mencionado Avizo, para ser concervado nela debaixo da condição, com que lhe foi dada, e de q. assignara termo na Vedoria seu avô Felix Joze Machado quando pelo mesmo termo, e avizo se lhe não concedeo mais que o pequeno cham, que fica dito, sendo certo, que selhe tocasse a muralha eu não lha havia de duvidar nem mandar fazer pela Vedoria outros arrendamentos dela; e se S. Mag.^{de} fosse servido mandarme primeiro ouvir na supplica de Jorge Francisco Machado, lhe constaria a verdade de todo o referido factó, o qual fará V. Ex.^a presente ao mesmo Snr. e tambem a operção, em q. ficaõ os rendeiros da muralha comprehendida no dito Decreto obrigados ao desmancho das cazas q. edificaraõ e a perda de despeza q. com elas fizeraõ, na boa fé e certeza dos seus arrendamentos, para S. Mag.^{de} determinar o q. for servido. Deos g.^{de} a V. Ex.^a.

Bom Suc.^o 25 de Novembro de 1760.

Marques de Tancos

Snr. Dom Luiz da Cunha.»

E o decreto cumpriu-se mansa e pacificamente.



A exposição dirigida por Manuel da Maia ao Marquês de Tancos, e a que atrás se fez referêcia, termina com o seguinte período:

«Eu tenho preparado em lugar de duas plantas, que o fogo queimou com os mais papeis da Vedoria huma da Fortificação de Lx.^a toda de baluartes, e outra da Marinha da mesma Lisboa formada de trincheiras feita no anno de 1701 p.^a servirem do mesmo modo para que estavaõ preparadas as que se queimaraõ, de que dou parte a V. Ex.^a para determinar o que for servido.»

Sabia-se que Manuel da Maia havia elaborado em 1718, por encargo do rei D. João V, uma planta da cidade de Lisboa e que até

tal facto havia concorrido, em parte, para fundamentar a sua promoção, por decreto de 8 de Novembro daquele ano, a coronel de Infantaria com o exercício de engenheiro. Só agora, porém, encontramos notícia de que tivesse sido autor de outros levantamentos topográficos da cidade ou que, pelo menos, neles tivesse tido qualquer ingerência directa. É fora de dúvida que qualquer daquelas duas plantas foram desenhadas com fins exclusivamente militares, visto dizerem respeito uma, que Manuel da Maia não nos diz quando foi feita, mas certamente em data posterior a 1698, à «fortificação de Lisboa toda de baluartes» e outra à «marinha da mesma Lisboa formada de trincheiras», esta feita em 1701. Temos, portanto, que a primeira deveria incluir o sistema defensivo que, pelo lado de terra, assegurava a protecção da cidade, e a segunda uma linha de trincheiras dispostas ao longo da margem Norte do Tejo e dentro dos limites da capital. A «fortificação de Lisboa toda de baluartes» deve entender-se como sendo a chamada «cerca de D. João IV», que, como é sabido, nunca foi concluída, mas que nos lanços construídos incluía de facto alguns baluartes — o do Sacramento e o do Livramento, em Alcântara, e o da Cruz da Pedra, na outra extremidade da cintura projectada — ou, antes a «cerca fernandina»? Admitimos esta segunda hipótese: porque a indicação «fortificação de Lisboa toda de baluartes» se refere, sem dúvida, a um todo, quer dizer, a uma obra completa e que, de facto, havia fortificado Lisboa, e não a uma parte mínima de outro todo que, afinal, não passou de projecto; porque, muito embora à primeira vista pareça impropriedade designar «toda de baluartes» a obra defensiva de D. Fernando, tal qualificação parece-nos de aceitar, mesmo usada por um engenheiro militar no Século XVIII, não só como resultante da influência da terminologia em uso, mas também, e principalmente, porque a função das torres ou cubelos da fortificação medieval, espaçadas entre si de harmonia com as características das armas então em uso, era semelhante à dos baluartes que, no final de contas, mais não eram do que uma cópia consideravelmente modificada daquelas, pelo menos nos seus perfis, como consequência da evolução dos armamentos, sobretudo dos engenhos pirobalísticos. Mas outra circunstância ocorre. Se a planta da «fortificação de Lisboa toda de baluartes» se não referia à cerca fernandina, qual a razão que levou Manuel da Maia a fazer-lhe alusão justamente num processo em que se tratava da posse de um troço de muralha àquela pertencente? Objectar-se-á, bem sabemos, que o engenheiro-mor indica ter preparado, igualmente, uma outra planta, esta da «marinha da mesma Lisboa formada de trincheiras» e que este sistema de fortificação temporária nenhuma ligação teria com aquele litígio. Não vimos, porém, que este facto possa prejudicar o que deixamos dito quanto à outra planta.

Teriam chegado até aos nossos dias as duas plantas mandadas

desenhar ou desenhadas por Manuel da Maia? De uma delas, da primeira, julgamos existir uma cópia autêntica. Referimo-nos à que o falecido olisipógrafo, Mestre Vieira da Silva, possuía nas suas colecções, por aquisição no leilão de Gomes de Brito, descrita a pág. 17 da obra «Plantas de Lisboa», sob o N.º 15, e, em extratexto, reproduzida com o n.º 3. Reforça a nossa convicção de ser esta planta, cópia daquela a que Manuel da Maia alude como dizendo respeito à «fortificação de Lisboa toda de baluartes», a circunstância de Guilherme Joaquim Pais de Meneses e Elias Sebastião Pope, no «atestado» aposto no exemplar descrito por Vieira da Silva, qualificarem o conjunto das fortificações antigas da cidade de «fortificação de Lisboa». Pais de Meneses e Pope foram, ambos, engenheiros militares e próximos colaboradores de Manuel da Maia.

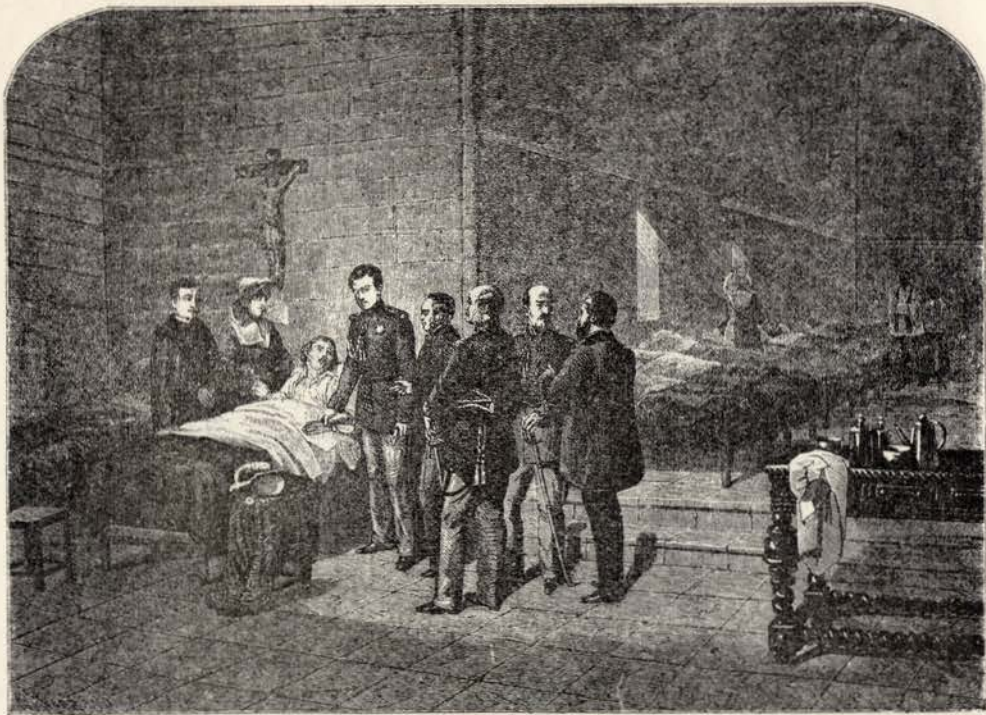
Um problema, porém, se nos depara no que diz respeito ao lanço da muralha que, do Caracol da Graça, descia até ao Arco de St.º André.

Rodrigues de Oliveira, no relatório a que atrás se faz alusão, reportando-se à planta que o acompanhava, diz que continuando a muralha desde o n.º 4 até ao n.º 3, esta *deveria* continuar para os n.ºs 2 e 1, limites em que a cidade se fixava até ao Arco de St.º André. Isto quer dizer que os muros deveriam ter existido onde então assentavam as faces Nascente e Sul do palácio da Ave-Maria. Vieira da Silva (5) diz-nos o mesmo. Tinoco, por sua vez, omite o troço que ligava, ao Arco de St.º André, o lanço vindo do Caracol. Ora, na planta, digamos, de Manuel da Maia figura o troço Calçada da Graça — Arco de St.º André envolvendo o citado palácio por Norte e Poente. A ter, de facto, sido assim, resulta que a casa dos morgados da Ave-Maria foi construída em terreno intramuros e não sobre chão onde uma parte dos mesmos tivesse existido. Note-se que, conforme consta da respectiva legenda, a planta de Manuel da Maia indica a traço vermelho «as partes existentes» da fortificação antiga da cidade.

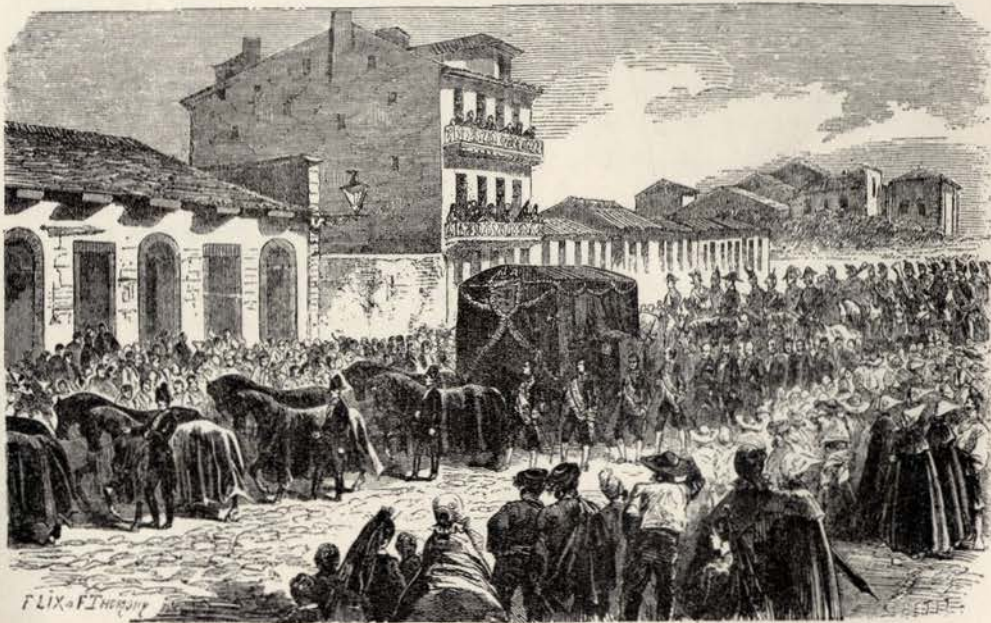
Mas, quem tem razão?

(5) *A Cerca Fernandina de Lisboa* — Vol. II, pág. 45 e mapa XV.

DUAS VELHAS GRAVURAS ALFACINHAS
publicadas na revista francesa *Le Monde Illustré*



O Rei D. Pedro V visitando, nos Hospitais, os doentes da febre amarela, em 1857



O funeral do rei D. Pedro V passando na calçada do Marquês de Abrantes

O MUSEU MILITAR

por HENRIQUE MARQUES JÚNIOR

VISTAS as dificuldades que se me depararam — quer editoriais, quer em separata da *Revista Municipal* — para realizar a minha ideia de fazer um roteiro de todos os Museus que se encontram na nossa bela e querida Lisboa, lembrei-me de, pouco a pouco, dar nota deles, principiando, no *Olisipo*, a sua descrição, de maneira a todos os conhecerem e visitarem.

Assim, começo pelo Museu Militar, que é um dos mais antigos do nosso torrão natal.



É este um dos mais importantes Museus de Lisboa e por isso vou dar nota a seu respeito, principiando por dizer que este Museu do Exército — agora chamado Museu Militar — não é tão antigo como o extinto Arsenal da Marinha, visto como nas primeiras eras da Monarquia — quando se tratava de guerra — as tropas eram constituídas, na sua maioria, pelos vassallos dos grão-senhores e por soldados pertencentes aos concelhos e vilas, e armados por eles, percebendo o *soldo de el-rei* só enquanto durava a campanha, não sendo, portanto, os Governos formados que armavam e dispunham as tropas como actualmente.

Todos esses grão-senhores possuíam casas de armas nos seus castelos ou moradias. Não podiam, porém, dispor delas, isto é: aliená-las, pois, por sua morte, haviam de passar ao sucessor no senhorio, quer por direito de sucessão, quer por nova nomeação régia.

As empresas de além-mar vieram modificar esta organização e tanto assim que D. João I — o Mestre de Avis — para satisfazer às necessidades das suas expedições africanas, montou não enorme depósito de armas, mas simples depósito, sem oficinas para seu fabrico. Até essa época e ainda nessa época, as armas eram fabricadas pelos alfagemes particulares, que se encontravam espalhados por diversos pontos do País.

Foi por então que se criou a primeira fundição de canhões, sendo ainda muito recente a introdução de artilharia no País; fundou essa oficina de armas D. Manuel, tendo escolhido Barcarena para tal fim, chamando mestres de Biscaia, ordenando que em determinadas cidades e vilas existissem oficinas que produzissem armas, e, junto aos Paços da Ribeira, criou armazéns para o mesmo fim. Além disso, nas vastas salas desse magnífico palácio — que existia no local onde agora são as secretarias do Estado — arrecadavam-se as armas suficientes para um contingente de setenta mil homens.

Foi este mesmo soberano quem ordenou a construção das Terceiras de Santa Cruz e as de Cata-que-farás, com oficinas de armas e fundição de artilharia e bem assim uma fábrica de pólvora, mais tarde transferida para a Ribeira de Alcântara e, alguns anos depois, para Barcarena, onde — se não laboro em erro — ainda hoje se conserva.

Para avaliar do excelente abastecimento em que estavam os depósitos de armamento, basta dizer-se que — levando a parte portuguesa da *Invincível Armada* duas mil e quatrocentas peças — ainda ficaram duas mil e quinhentas nos armazéns, afora incalculável número de cassoletes, piques, lanças, arcabuzes e mosquetes, consoante é testemunhado por um escritor da época.

Os monarcas D. João III e D. Sebastião melhoraram muito estes arsenais; logo, porém, que se deu a usurpação filipina, decaíram extraordinariamente, como era de prever.

Só com a Restauração de 1640 criaram novo alento, e, após essa data, largas reformas se fizeram, tendentes a organizar as instituições militares; logo a 28 de Dezembro desse mesmo ano foi nomeado Rui Correia Lucas para o lugar de tenente-general, enquanto nas primeiras cortes de 1641 foi discutido que se montassem fábricas e oficinas para manufactura de armas e de artilharia.

Os apontamentos desse tempo levam-nos a crer que o fabrico de pólvora, armas e demais material de guerra, era executado por empresas particulares, e ainda esses estabelecimentos, por motivos de conveniência para o Estado — contando-se entre eles as oficinas de Barcarena — eram entregues a mestres de diversos misteres que se obrigavam, sob estipuladas condições, a certos fornecimentos, em prazos marcados, por preços que se convencionassem.

Os artigos de várias proveniências entravam nos armazéns da tenência, que se encontravam a cargo de almoxarifes.

Nas províncias — mormente no Alentejo — havia os *trens* para construção de reparos, etc.

Tal era, até fins do século XVII e princípios do XVIII, o modo por que se obtinha o material de guerra.

Em Junho de 1729 foram as Tercenas destruídas por grande incêndio, que ocasionou enormes estragos nas oficinas. D. João V curou logo de mandar restaurar o velho edifício, encarregando da direcção dos principais trabalhos o engenheiro francês Larre.

Ainda não estavam concluídas as obras quando o tremor de terra de 1755 as ruiu, mantendo-se até 1760 como o terramoto as deixara. Nesse ano recommçou a construção.

Pela reforma do Exército decretada pelo Conde de Lippe e pelo alvará de 24 de Março de 1764, a tenência passou a denominar-se «Arsenal do Exército»; a sua direcção, porém, continuou confiada a Manuel Gomes de Carvalho, que era então tenente-general, modesto paisano que — pela influência de Bartolomeu da Costa — subiu a marechal de campo. Bartolomeu da Costa destacou-se aquando da superintendência dos trabalhos da fundição da estátua de D. José, que hoje admiramos no Terreiro do Paço. Em 1762 — ao ser extinto o lugar de tenente-general — foi encarregado de dirigir o Arsenal, sob inspecção e mandado da Junta dos Três Estados.

Para se ajuizar do grau de incremento tomado por este estabelecimento com a superintendência de tão benemérito varão, basta indicar que, em 1800, o número de oficinas era de vinte e três, além de dois mil indivíduos, entre os quais mil quinhentos e tantos operários, o que importava um dispêndio anual de seiscentos oitenta e um contos.

Com o passamento de Bartolomeu da Costa — ocorrido em 1802 — o Arsenal começou a decair.

Assim que D. Pedro IV entrou em Lisboa, a 24 de Julho de 1833, uma das primeiras medidas que decretou foi a extinção da Junta de Fazenda e, provavelmente, a Junta dos Três Estados, a que acima se aludiu, e entregou a direcção do estabelecimento a um inspector, nomeando uma comissão que tratasse do regulamento em que fosse explanado o novo método de organização.

Em 1834 foi a despesa calculada em noventa e um contos para férias a operários e manutenção do estabelecimento.



Eis, até aqui, uma sùmula da história do Arsenal do Exército; creio, porém, que o amável leitor não se enfastiará seguindo o que colhi dessa data em diante acerca do Museu a que me estou referindo; após esta palestra preliminar, terá a bondade de me acompanhar na sua visita, a fim de vermos, quanto mais não seja, as gloriosas relíquias que lá se arrecadam.

Em 27 de Março de 1840 foi publicado um decreto nomeando inspector do Arsenal do Exército José Baptista da Silva Lopes (Barão

de Monte Pedral), um dos heróis das Campanhas da Liberdade. Esse inclito varão determinou — na ordem da Inspeção Geral n.º 224, publicada em 15 de Novembro de 1842 — que o major João Carlos de Sequeira, comandante da Repartição de Santa Clara, fosse incumbido de dispor e classificar os modelos de máquinas e aparelhos, bem como todos os objectos que, por qualquer motivo, não pudessem ser colocados na referida sala, fossem postos noutros locais que o dito major indicaria; tudo quanto respeitasse a armas de fogo, brancas ou defensivas, ficaria na Sala das Armas, na Repartição da Fundação de Baixo, e o seu arranjo sujeito à responsabilidade do encarregado do terceiro depósito; os objectos que, por sua índole ou melhor arranjo, devessem ficar na Repartição da Fundação de Cima, seriam classificados pelo tenente-coronel Matos, que deles se encarregaria.

Cumpriram-se imediatamente essas ordens e — apesar dos objectos ficarem disseminados, provavelmente por conveniência da sua conservação ou guarda ou por não existir casa onde coubessem todos — o Museu de Artilharia estava montado.

Este pensamento organizador e patriótico teve tão bons auspícios que foi confirmado pelo decreto de 10 de Dezembro de 1851, que criou o Arsenal do Exército e garantia a existência do Museu de Artilharia — constituído pelo Barão de Monte Pedral — e que então estava instalado naquele edificio.

A 13 de Dezembro de 1869 foi novamente reformado este estabelecimento, passando, por essa época, o Museu a estar sob as ordens do director da fábrica de armas.

Em 1876, o general Florêncio de Sousa Pinto ordenou que se transferisse o Museu para o edificio da Calçada Nova, onde estivera instalado o extinto colégio dos aprendizes do Arsenal do Exército, e a 5 de Outubro desse ano foi nomeado para seu director o capitão de Artilharia Eduardo Ernesto Castelbranco, que morreu general de brigada a 24 de Fevereiro de 1905.

Se ao Barão de Monte Pedral se deve a criação deste Museu, não é menos certo que à memória de Castelbranco se deve também muito, pois foi um fervoroso amigo do estabelecimento, que dirigiu com critério, zelo e amor. Engrandeceu-o o mais que lhe foi possível e pô-lo em destaque, de maneira a chamar a atenção do público para as preciosidades que lá se encontram.

Achando-se em parte arruinado o edificio da Fundação de Baixo — onde estava o Comando-Geral de Artilharia — cuidou-se, em 1895, de uma reparação radical; essa reparação foi referendada por Luís Augusto Pimentel Pinto, então Ministro da Guerra. Feita primeiramente a reedificação da parte antiga, tratou-se, em seguida, do seu alargamento até ao Largo dos Caminhos de Ferro. Em Outubro de 1896 começava a instalação do Comando-Geral de Artilharia, que passou do

rés-do-chão do edificio para o andar nobre, transitando o material que estava no pátio da Fundação de Baixo para o Museu de Artilharia.

Eis, a largos traços, o que se sabe acerca do Museu de Artilharia, que, por decreto de 21 de Agosto de 1926, se passou a denominar «Museu Militar».

Mais um pouco de paciência e o amável leitor acompanhar-me-á na visita que vamos fazer às salas do Museu, tomando por guia o catálogo a que me cinjo e que gentilmente me foi facultado pelo actual director — coronel Tomás Rodrigues — e assim, ao de leve, se descreverão as suas interessantes salas e outras dependências.



Antes, porém, de entrar, examinemos a porta que fica no Largo do Arsenal do Exército; foi delineada por Larre e é toda em cantaria, com colunas coríntias e troféus militares a encimá-la.

Essa porta é também atribuída a Carlos Mardel, húngaro que veio para Portugal em 1733, com a patente de capitão-engenheiro.

Penetremos agora no vestíbulo, cuja decoração mereceu a máxima atenção de Castelbranco. Consiste em excelentes obras de talha e magníficos azulejos, coevos da sua fundação, estátuas, panópias, troféus, milhares de objectos de guerra, engenhosamente applicados, e pinturas a óleo.

O guarda-vento — que se vê logo à entrada — as portas, tectos e paredes são ornamentados com vários objectos pertencentes ao antigo material de guerra.

A decoração do tecto apresenta — ao centro — uma figura de mulher — a *História*, de Sousa Rodrigues — tendo aos pés um génio, que segura uma palma da Vitória e empunha na mão esquerda um dístico com as palavras: *Descobertas e Conquistas*. Da parte de cima, dois génios suspensos no azul: um mostrando uma fita com a palavra *Portugália*; o outro, segurando em cada mão uma coroa de louro. A cercadura é de folhas de carvalho e os quatro cantos ostentam os medalhões de D. João I, D. Nuno Álvares Pereira, D. Manuel I e Vasco da Gama. Este trabalho é do distinto pintor Adolfo Sousa Rodrigues.

As duas outras cercaduras — de Espírito Santo e Oliveira — representam: a da esquerda, uma alegoria: Lisboa recebendo os troféus das vitórias alcançadas pelos Portugueses; a da direita: uma apoteose aos assinalados feitos das nossas armas, sendo ambas, como a do centro, envolvidas por uma orla decorativa e tendo, em cada ângulo, um medalhão com o retrato de um vulto eminente da História Pátria.

No mesmo vestíbulo encontram-se vários utensílios de guerra, destacando-se dois pelouros de granito: o maior foi arremessado contra a

fortaleza de Ormuz, sitiada pelos Mouros em 1552 e o outro, em 1534, contra a praça de Çafim.

A primeira sala é a de Vasco da Gama. A decoração é do insigne pintor já falecido: Carlos Reis. Ao centro da sala vê-se um busto de Vasco da Gama, em gesso, da autoria de Simões de Almeida (sobrinho). Na parede principal destaca-se o mapa da província de Moçambique, vendo-se à esquerda: *Júpiter ouvindo as súplicas de Vénus a favor dos Portugueses*, e, à direita: *a Fama coroando o escudo das nossas armas*. Na parede fronteira à porta de entrada: *a armada de Vasco da Gama em derrota para a Índia*; em face deste quadro: *Vasco da Gama é levado em triunfo no carro de Neptuno*. Entre as janelas, outros quadros mais pequenos, representando o *Gigante Adamastor pasmado ante a audácia dos Portugueses*. Nos espelhos das portas vêem-se dois baixos-relevos (*África e Ásia*) fundidos no Arsenal do Exército, sob os moldes de Costa Mota (sobrinho). No tecto ostenta-se parte da tela de Luís Manini, que serviu no pavilhão português da Exposição de Paris, em 1900, representando as viagens de Pedro Álvares Cabral, Corte-Real e Magalhães e as modernas travessias de África por Capelo, Ivens e Serpa Pinto. A decoração é feita por bocas de fogo dos séculos XIV e XV, de D. Manuel, de D. João III e outros, salientando-se a peça de Malaca.

Atinge-se o andar nobre por um lanço de majestosa escada, que se divide em dois outros lanços, os quais vão dar ao peristilo. A meio da parede fronteira ao primeiro lanço, destaca-se o retrato, a óleo, do Barão de Monte Pedral e, defronte, a data de 1835 lembra a memorável batalha de Aljubarrota.

No tecto deste peristilo vêem-se pinturas alegóricas do séc. XVIII, por Bruno José do Vale, Bernardino Pegado e Pedro Alexandrino.

À direita do peristilo — no andar nobre — fica a sala n.º 1 da Guerra Peninsular, onde se vêem alguns objectos que lembram as operações militares que se travaram na Península, durante as invasões napoleónicas.

Em frente da porta de entrada nota-se uma tela de António Ramalho: A batalha do Buçaco (27 de Setembro de 1810). No tecto e sobre as faces das consolas que apoiam a arquitrave, as figuras alegóricas: *Guerra, Paz, Glória e Patriotismo*, executadas por Luciano Freire. Na parte plana do tecto, tela do mesmo autor relativa aos heróis da Guerra Peninsular. Esta descrição dá nota do que seja a sala, onde se vêem interessantes obras de arte.

Entramos a seguir nas salas da Grande Guerra. Na primeira vêem-se, em friso, os retratos dos comandantes e chefes do Estado-Maior do C. E. P.; em frente fica uma alegoria de Veloso Salgado, representando a glorificação do soldado desconhecido; um retrato — atribuído a Columbano — do general Alves Roçadas e outro do mare-

chal Foch completam a decoração desta pequena sala, onde ainda se podem observar as condecorações do bravo militar que foi Ferreira do Amaral.

Na segunda e na terceira sala as decorações são todas de Sousa Lopes, pintor e grande oficial do C. E. P., e, como recheio, notam-se duas peças de artilharia que serviram em campanha, alguns artigos trazidos por militares que fizeram também parte do C. E. P. e a bateria em marcha, de Delfim Maia.

Voltando à sala n.º 1 (Guerra Peninsular) e atravessando o peristilo, entra-se na sala D. Maria II, onde se nos depara, na parede fronteira, o retrato desta soberana, executado por Joaquim Rafael, em corpo inteiro. Armas, bandeiras, carabinas e diferente material de guerra e outras curiosidades da época decoram esta sala, em cujo tecto se notam alegorias de reconhecido valor, que foram desenhadas por Feliciano Narciso e pintadas a óleo por Bruno José do Vale, António Caetano da Silva e António dos Santos Joaquim. José Carvalho Rosa fez as flores.

A sala D. José, que se lhe segue, é unicamente ornamentada com obra de talha dourada. Tem dois retratos deste monarca. Vêm-se as estátuas de: *Valor*, *Fidelidade*, *Vulcano* e *Marte*, devidas ao escultor Francisco António. A meio da sala, pequeno modelo em bronze da estátua equestre desse soberano. Na mesma sala está exposto o modelo da máquina ideada por Bartolomeu da Costa para suspender e tirar a estátua da cova onde se realizou a fundição. Do lado oposto, o modelo do carro que serviu para transportar a estátua desde a Fundição de Cima, em Santa Engrácia, até ao Terreiro do Paço, carro que se utilizou, mais tarde, para o transporte das grandes colunas do Arco da Rua Augusta. Estes são os objectos mais dignos de nota desta sala, que é decorada com várias armas portuguesas.

Logo em seguida temos a sala D. João V, que ostenta o retrato desse soberano e bem assim o seu busto, de madeira dourada; também no mesmo gosto duas estatuetas: *Neptuno* e *Minerva*. Por cima das portas laterais da parede principal, duas pequenas telas de pintura moderna: uma de Luciano Freire, representando o *Combate de Matapan* (1717), em que tomaram parte sete naus portuguesas comandadas por Lopo Furtado de Mendonça, e a outra de Artur de Melo, representativa do *Embarque* desse capitão-mor, quando a sua esquadra se aprontava para largar do Tejo.

Além do que fica dito, ainda se mostram diversos modelos e armas, salientando-se carabinas e espingardas.

Depois, a sala D. João de Castro, que é decorada com três meda-lhões representando Afonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida e Duarte de Meneses. Encimando as portas de comunicação com as

salas próximas, medalhões de D. João de Castro e Nuno Alvares Pereira, afora as estátuas de *Minerva, Hércules, Lisboa e Brasil*.

Na parede principal nota-se o retrato de D. João de Castro, pintado por João de Melo Trigoso, cópia de outro que passa por autêntico e se julga único em Portugal, pertencente a D. Teresa de Saldanha e Castro.

Ainda aí se vêem vários objectos de antigo armamento portátil e bem assim um modelo de fortaleza de Dio, feito de uma pedra dali arrancada.

Saindo daqui, entramos na sala Afonso de Albuquerque, cuja decoração consiste em medalhões de André de Albuquerque e Duarte Pacheco e dois pequenos quadros: *Afonso de Albuquerque na conquista de Malaca* e a *Tomada de Socotorá*. O primeiro é trabalho de Condeixa e o segundo de Jorge Colaço. Nesta sala expõem-se muitos modelos de armas de guerra.

Sala República. O alisar é de antigos azulejos. A meio da sala, nota-se o busto da República.

Temos agora ante nossos olhos a sala Europa, que ostenta no tecto — a meio — a *Batalha de Aljubarrota*, de Columbano; aos lados: o *Voto de Nuno Álvares*, a *Batalha de Montes-Claros* e a *Tomada de Lisboa*. Esta é da autoria de Sousa Lopes e a anterior de Luciano Freire. Dos objectos expostos há a salientar antigas manufacturas do Arsenal do Exército.

Sala África. No tecto vêem-se pinturas de Columbano; ao centro, alusão a Ceuta; aos lados: a *África*; o *Descobrimento do Cabo da Boa Esperança*; a *Entrada de D. Afonso V em Tânger* e a *Conquista de Ceuta*. Na parede principal, tela de Acácio Lino: *D. Duarte de Meneses defendendo a retirada de Afonso V*, e na parede fronteira, do mesmo autor: *O Infante Santo escarnecido pela população*. Na parede principal, a completar a decoração da sala, vê-se um busto de D. Duarte de Meneses. A maioria dos objectos patentes respeita a operações militares realizadas em África.

Sala Ásia. A meio do tecto, uma alusão a Goa, da autoria de Columbano; aos lados: *Ásia*; *Desembarque de Vasco da Gama em Calecut*; *Embaixada do xeque Ismael ao vice-rei Afonso de Albuquerque* e a *Tomada de Dio*. Diversos modelos de projecteis e amostras referentes ao fabrico de artilharia ou de pólvora completam a decoração desta sala.

Sala Brasil. A meio do tecto, alusão ao Brasil; aos lados: uma figura de mulher simbolizando a América; o *Acto da colocação do primeiro padrão do Brasil*; a *Capitulação de Pernambuco em 1654* e *Os montes Gararapes*.

Barretinas, capacetes, máquinas de guerra, etc., completam a ornamentação desta sala.

Sala Campanhas da Liberdade. Ao centro do tecto, alegoria às Campanhas da Liberdade; é trabalho de Columbano; aos lados os retratos de Saldanha, Terceira, Sá da Bandeira e D. Pedro IV. Uma das paredes é quase toda revestida por uma primorosa tela de Veloso Salgado: *A Pátria coroando os heróis da Liberdade*. Enfeitam as restantes paredes os retratos de José Jorge Loureiro, por Matoso da Fonseca; Conde das Antas, pelo artista Ribeiro Júnior, e Saldanha, oferecido pelo falecido comendador Guilherme João Carlos Henriques, conhecido por Guilherme João Carlos Henriques, da Carnota. Dentre os objectos patentes há a salientar, ao centro da sala, o busto em mármore do marquês de Sá da Bandeira, primoroso trabalho executado e oferecido ao Museu pela Duquesa de Palmela. Há também um painel pintado pelo general estrangeiro Hoffmann: o *Combate de Ponte Ferreira*, e pequena gravura representativa da *Acção da Vila da Praia*, na Ilha Terceira, em Agosto de 1829, oferecida pela filha do Conselheiro Luís José da Silva, que sempre acompanhou D. Pedro IV naquela ilha. Estas as decorações da sala, em que se expõem: uma colecção de artigos que foram pertença de Saldanha; manequins com uniformes do exército de 1833; o bastão do duque da Terceira; a espada que acompanhou Saldanha na batalha de Almoester; bandeiras históricas, etc.

Sala Camões. Tem primoroso aspecto esta sala com colunas em escaiola, imitando mármore, e que encerra trabalhos pictóricos de Columbano e Domingos Costa. Aquele apresenta telas de assunto camoniano. Na parede que divide esta sala da imediata, duas telas de Condeixa: *O fero Adamastor* e *Vasco da Gama avistando o Cabo das Tormentas*. No tecto vêem-se brasões de armas de Goa, Funchal, Moçambique, etc. Ainda se devem ver: dois capacetes e a espada que pertenceu a D. João II e também as espadas de Nun'Álvares Pereira e de Vasco da Gama.

Sala da Restauração. É pequena, mas suficiente para ostentar os retratos dos principais vultos da Restauração de 1640 e uma tela de Salgado: *Coroação de D. João IV*. As portas são encimadas por duas pequenas telas de Barros Fernandes e António Carneiro: *Tomada de Salvaterra* e *O general Matias de Albuquerque na batalha do Montijo*. O tecto é pintado por João Vaz, sendo o chão de corticite. Além doutros objectos, vê-se o espadim do príncipe D. Teodósio, filho de D. João IV.

Sala Infante D. Henrique. É — pelo seu aspecto — semelhante à de Camões. As pinturas do tecto são devidas a Domingos da Costa; são medalhões de Gil Eanes, Gonçalves Velho Cabral, Diogo Cão, João Gonçalves Zarco, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Gaspar Corte-Real e Bartolomeu Dias. A parede fronteira tem uma enorme tela de Malhoa, alusiva ao infante D. Henrique e ao lendário promontório de Sagres; tem mais seis do mesmo artista: a primeira represen-

tando Vasco da Gama junto da amurada da sua nau; a segunda: A recepção dada a bordo por Vasco da Gama ao Samorim; a terceira: a Ilha dos Amores; a quarta: Egas Moniz na presença do monarca espanhol, a quem vai oferecer a cabeça em troca da palavra que o seu pupilo e rei D. Afonso Henriques não respeitou; a quinta: a Recepção dada a Vasco da Gama pelo Samorim, e a sexta: o retrato de Camões em corpo inteiro. Nesta sala vêem-se, entre o armamento, alguns exemplares de especial interesse, como a figura equestre, composta de armaduras do século XVI (de homem de armas e de cavalo), afora outras armaduras, espadas, bestas e alabardas.

A Sala Portugal é logo a seguir à que acabamos de visitar. A sua decoração é constituída por uma reconstituição das principais bandeiras portuguesas, desde a fundação do reino.

Segue-se uma escada para o rés-do-chão, onde se notam: duas pequenas bocas de fogo; diminutos morteiros; falconetes; pedreiros, etc. Esta escada dá para o grande Pátio de Artilharia. Ao fundo dessa escada e antes de entrar no referido pátio, encontra-se a sala n.º 2 da Guerra Peninsular, onde se vêem expostos: bocas de fogo, reparos e outros artigos relativos à Guerra Peninsular, além de *maquettes*, manequins, etc.

Sala Vitorino Ribeiro. Fica na mesma face do edifício anterior, mas do outro lado, que comunica igualmente com portas para o Pátio de Artilharia. Aí se reúnem os objectos provenientes da Grande Guerra em França e em África e outros que com ela se relacionam. Nela se vêem: bandeiras, capacetes, espingardas, fotografias, aguarelas, retratos, manequins, etc.

Sala Espanha. Conserva-se aqui um armamento oferecido pelo governo espanhol e apreendido durante a Guerra Civil de Espanha, começada em 1936. Tem duas placas com os nomes dos militares mortos na referida guerra.

Pátio de Artilharia. Possui as peças de artilharia pertencentes ao Museu, que constituem a sua mais importante colecção, quer pelo valor histórico, quer pelo valor real. A meio do pátio vê-se um busto de D. Manuel; entretanto estão expostas as outras secções, desde o reinado de D. Sebastião até à República, afora as secções ultramarina e estrangeira.

Sala da Balança. Saindo-se deste pátio pelo ângulo S. O., entra-se de novo, por pequeno corredor, na parte antiga do edifício. Na primeira sala existe uma enorme e notável balança, de grande sensibilidade, que foi fabricada no Arsenal do Exército, em 1770, para serviço do referido Arsenal. Aí se vêem ainda peças e reparos, um sino, etc.

Sala de modelos. Dentro deste aposento está disposta uma colecção de modelos em gesso, constituída por bustos, figuras e baixos-relevos,

que serviram para fundições no Arsenal do Exército, e dois balancés monumentais, de bronze, construídos no mesmo Arsenal no reinado de D. Maria I.

Sala Bartolomeu da Costa. Pelo que se lê, esta sala é consagrada à memória do tenente-general Bartolomeu da Costa, cujo retrato se encontra patente; estão também expostas algumas bocas de fogo, fabricadas neste Arsenal, sob a direcção daquele general e ainda o carro que conduziu até ao Terreiro do Paço as colunas do Arco da Rua Augusta.

Sala Eduardo Castelbranco. Em justa homenagem à memória do ilustre general que foi o primeiro director do Museu Militar, nessa época Museu de Artilharia. Figuram nesta sala, além de um busto em gesso do distinto varão, carabinas, espingardas, morteiros, etc.

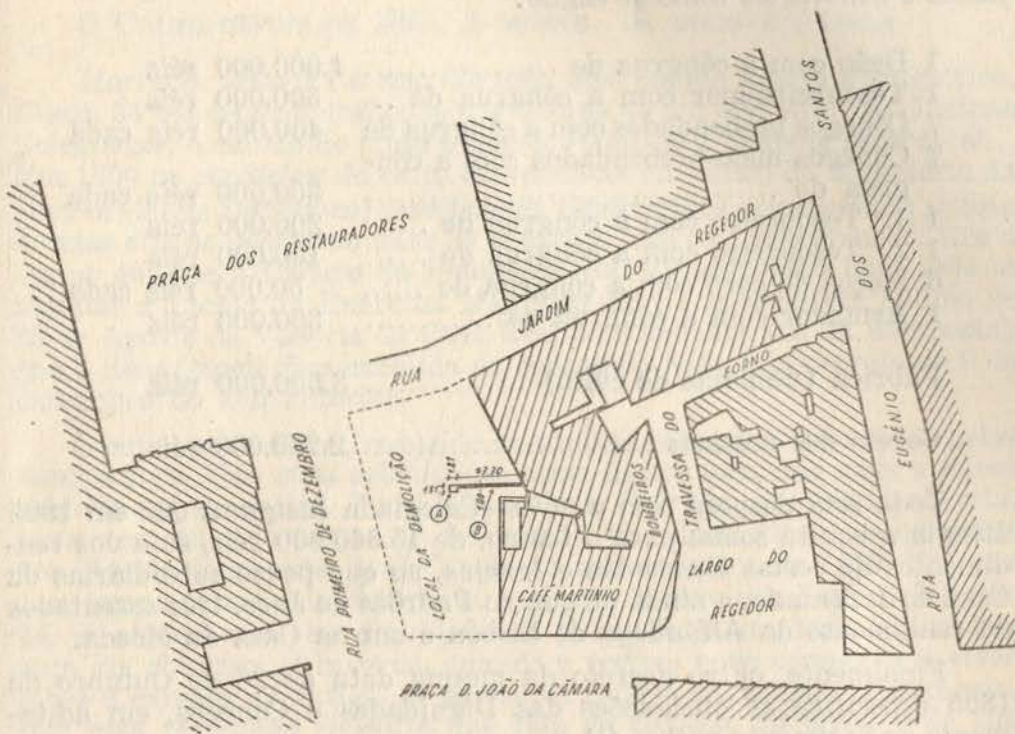
Desta sala, que dá para o vestíbulo, se volta à entrada principal do edifício, completando-se assim a visita a todas as salas do Museu, muito pela rama indicadas.

O pórtico de saída é da autoria de Teixeira Lopes, sendo todo de mármore nacional. O vão é ladeado por altas e grossas colunas com capitéis ornados de folhas de acanto; é coroado por um soberbo grupo, de que se salienta a alegórica figura da Pátria, que, de espada desembainhada e pronta para combate, segura na mão esquerda a haste, onde se prende a bandeira nacional desfraldada. Pela sua atitude triunfante, essa mulher parece soltar o altivo brado da Vitória.

Findamos aqui o nosso passeio pelo Museu Militar, dizendo quais foram — depois do general Arbués Moreira — os diligentes directores deste Museu, não devendo esquecer nomear Pedro de Alcântara, que foi anterior a Arbués Moreira. Assim, damos os nomes — repetimos — dos directores que se seguiram a Arbués Moreira, os quais foram: António Augusto Ferreira e coronel Câmara e Silva. Exerce actualmente esse cargo o sr. coronel Tomás Rodrigues, a quem estamos muito gratos pela maneira afável com que teve a bondade de nos acolher.

A BEMPOSTA
 TO INCO DE KANBA

**LEVANTAMENTO DE ALGUNS ELEMENTOS DE ALVENARIA
 QUE SE SUPÕE PERTENCER À ANTIGA QUADRELA DO EDIFÍ-
 CIO DA INQUIÇÃO QUE SE ENCONTRARAM QUANDO DA
 DEMOLIÇÃO DOS PRÉDIOS DA RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO
 PELA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA**



(A) Muro de alvenaria com $1,^m81 \times 1,^m81$

(B) Muro de alvenaria com $13,^m30 \times 1,^m00$

A BEMPOSTA

(O PAÇO DA RAINHA)

(Continuação do número anterior)

por LUÍS MOITA

As instruções do referido decreto dão assim um quadro de dignidades e honorários como se segue:

1 Deão com a cõngrua de	1.000.000 réis
1 Tesoureiro-mor com a cõngrua de ...	500.000 réis
7 Cónegos prebendados com a cõngrua de	400.000 réis cada
7 Cónegos meio-prebendados com a cõngrua de	300.000 réis cada
1 1.º Tesoureiro com a cõngrua de	200.000 réis
1 2.º Tesoureiro com a cõngrua de	100.000 réis
6 Moços de coro com a cõngrua de	50.000 réis cada
1 Armador com a cõngrua de	300.000 réis
Fábrica (despesas de culto)	3.500.000 réis
Coreto dos músicos	2.250.000 réis

Toda esta despesa com a nova «Colegiada Insigne», que em 1805 atingia a bonita soma, para o tempo, de 15.360.000 réis, saía dos rendimentos de certas Comendas e Igrejas, ao que penso subsidiárias da Casa do Infantado, e ainda de quatro Padrões de Juro, três assentados no rendimento da Alfândega de Lisboa e um na Casa da Moeda.

Finalmente, outro decreto da mesma data de 26 de Outubro de 1805 especifica as obrigações das Dignidades e Cónegos, em aditamento ao regimento antigo ⁽¹⁾.

O presidente da Colegiada Insigne, diz Vilhena Barbosa, recaía num arcebispo *in partibus infidelium*.

⁽¹⁾ Na notícia histórica extraída de fls. 27 do Tombo do Almojarifado, se diz que estes dados constam do Arquivo da Real Capela aonde se nota a falta de documentos.



Toda esta dignidade e pompa religiosa é mantida, até 1834. Regressa D. João VI do Brasil em 1821. Os acontecimentos de que a Bemposta foi, em tão grande parte, cenário, vêm também reflectir-se no culto desta Capela. O Cardeal-Patriarca D. Carlos da Cunha, domiciliado em Baiona por ter sido expulso do Reino pelas Cortes de 22, regressa a Lisboa após a *Vilafrancada*. Aqui entrou, recebido com todas as honras pelo Rei, num *Te-Deum Laudamus*. Aqui se reuniram, nessa tarde de 18 de Agosto de 1823, todas as altas dignidades do Clero e da Nobreza, e o Povo, esse Povo que detestava a Corte das Necessidades e via regressar com o Cardeal os velhos hábitos nacionais. Só ele pejou o terreiro da Bemposta, desde Santa Bárbara, dando-se as mais íntimas manifestações de alegria.

O CULTO DEPOIS DE 1834. A MORTE DA INSIGNE CAPELA

Morre D. João VI e com ele todo esse mundo antigo e magnífico. Chega 34 e o cenário desfaz-se nas dobras de um decreto... A «Insigne Colegiada», o cabido de vinte cônegos, reduz-se à unidade sacerdotal... Em 1850 as condições do culto desvenda-as um officio do Ministério da Guerra (20 de Dezembro): «se houver rendimentos *accessiveis* da quinta e casas eles se prestarão para os encargos com os *Lausperenes*». Era o tempo em que o Palácio da Bemposta andava negociado para nele se instalar a Escola do Exército. Mas logo em 51 se esclarece (officio de 23 de Agosto da Vedoria da Casa Real ao Almojarifado da Bemposta) que a Real Capela fica excluída da concessão feita pelo decreto de 9 de Dezembro do ano anterior.

O culto, pobrezinho, reduzido ao simples cônego, aí vem vindo pelos tempos fora. Não mais solenidades como as houvera, não mais a missa cantada todos os dias. Tudo isso acabou. O órgão, que ainda ali está, emudeceu, ou pelo menos só foi tocado, por desfastio, uma ou outra vez. Assim chega esta Real Capela ao ano da graça de 1910. Era por esse tempo capelão da Bemposta o cônego Álvaro dos Santos, falecido há já alguns anos na dignidade de prior de Santa Isabel. Até que num dia chuvoso de Inverno, quando o regime novo começava a viver sobre a carcaça do antigo, as portas da Capela se fecham, tristemente, com essa resignada filosofia que fala do começo, do meio, e do fim das coisas... A beleza das paredes que ficam atrás dos portões de ferro havia deixado de viver. Um officio do Ministério da Justiça com a data de 27 de Dezembro de 1910 entrega ao Director da Escola do Exército, não apenas a Capela, mas a Torre da Bemposta, que fica do outro lado do terreiro. Os sinos da Torre, isto é, a voz da Real Capela, são oferecidos de graça ao Arsenal do Exército em 10 de Novembro de 1913, e por fim partidos no local. É a consumação da morte, o fim de tudo, a desapareição por iconolastia... A voz de bronze que chamava ao culto,

que fora da «insigne colegiada» e ajudava por fim um solitário cónego em seus officios religiosos, morria estrangulada sob as pancadas violentas do camartelo. Sem dúvida alguma, a Capela da Bemposta terminara...

A VIDA MUSICAL DA CAPELA

Função essencial do espírito que animou esta Igreja, cabe ainda aqui ligeira referência ao que foi a sua vida musical. Breve esquiço do muito que haveria a mostrar.

Nada se sabe, a este propósito, até o ano de 1756. Então era aqui Mestre de Capela, talvez apenas Mestre honorário, o insigne Luciano Xavier dos Santos, que àquele título mais tarde juntou o de «Compositor do Infante D. Pedro».

A Luciano Xavier dos Santos, morto antes de concluídas as obras de restauro, sucedeu João José Baldi, que tinha como 2.º Mestre de Capela Frei José Marques de Santa Rita Silva, o qual, sendo discípulo de Baldi, lhe sucedeu nos tempos de D. João VI.

Este Frei José Marques, que foi um óptimo organista e um compositor de muito merecimento, deixou nove missas, vários motetes, um *miserere*, dois *Credos*, dois *Te Deum*, oito salmos e vários resposos e matinas. Algo de toda a sua produção sacra terá ecoado nas paredes desta Real Capela há bons 130 anos...

Uma das missas, a vozes e órgão, aqui tocada pela primeira vez na presença de D. João VI, sugeriu ao Rei — conta-o algures Mário de Sampaio Ribeiro, — uma advertência, após os cumprimentos do estilo, na tribuna real. Sua Majestade achara a obra «séria demais» e advertira o compositor de que o público gostava de música mais alegre... O público e ele, naturalmente...

Frei José Marques, notável pelo talento e pelo mau génio, foi mestre do famoso Joaquim Casimiro, que lhe suportou não apenas os ataques de nervos, mas também, di-lo Ernesto Vieira, ruins invejas, excitadas, no músico da velha escola, pelos arroubos pujantes e reformadores deste Wagner português. A emulação entre *Mestres Cantores*, sobretudo numa época em que caducavam os processos da escola clássica, e os de outra vinham surgindo para a vida, não era, afinal, apnágio exclusivo de Nuremberga...

Conta Vieira que Joaquim Casimiro, ainda menino, foi habilitado por Frei José Marques a fazer um exame público e a concorrer ao lugar de soprano do coreto desta Real Capela. Pouco mais tarde, tendo adoecido ambos os organistas, e achando-se, portanto, o coro sem acompanhamento, Casimiro ofereceu-se para os substituir. D. João VI, atendendo à circunstância e por ela satisfeito, ordenou do Brasil que Frei

José Marques preparasse Casimiro para o lugar de organista, que aliás ele já desempenhava como supra. É ainda por concurso que Casimiro obtém o lugar em 1816, nele se conservando até 1834. As invejas e picuinhas de Frei José Marques, que datam dessa época, incidiam sobre as composições de Joaquim Casimiro, que o frade paulista fazia reprovar na Irmandade de Santa Cecília, erecta na igreja dos Mártires.

O órgão no qual Frei José Marques, primeiro, e Joaquim Casimiro, depois, deram largas ao seu talento e virtuosidade, ainda ali está, no coreto do lado do Evangelho. É uma bela peça, menos mal conservada, mas que, como a maioria dos belos órgãos da nossa Capital, não toca. É outro cadáver da Bemposta... Sobre o teclado existe ainda uma pequena placa de metal, que, em letras de bom desenho, reza assim: «António Xavier Machado e Cerveira o fez. / Anno de 1792 / N.º 37». A data inclusa reforça a suposição, atrás expressa, de que as obras de decoração da Capela tivessem tido o seu intenso período de acabamento nos anos antecedentes a 1793.

(Continua)

COLECTÂNEA DE JORNAIS

Catálogo dos primeiros números de jornais olisiponenses da Colecção do Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves, expostos no salão dos «Amigos de Lisboa», de 30 de Abril a 12 de Maio de 1952.

(Continuação do número anterior)

- | | |
|---|--|
| 1848 | 1856 |
| O CORREIO DAS DAMAS — N.º 13 — 31 de Janeiro. | REVISTA AGRONOMICA — Maio — Direcção de D. José d'Alarcão. |
| O BARATISSIMO — Pequeno Civilizador Popular — 31 de Julho. | 1857 |
| O ARCHIVO PORTUGUEZ — Vol. I, N.º 1, 3 e 8 a 13. | O ARCHIVO FAMILIAR. |
| 1849 | 1858 |
| A ASSEMBLEIA LITTERARIA — 4 de Agosto. Proprietaria e Redactora: D. A. G. Pusich. | O ATILA. |
| REVISTA POPULAR — N.º 3 — 24 de Março. | PRELUDIOS LITTERARIOS — Dezembro — Redactor Principal: V. da Silveira. |
| O BESOURO — 22 de Abril. | 1860 |
| O BIBLIOPHILO — Abril. | REVISTA BURLESCA — 1 de Janeiro. |
| A ASSEMBLEIA LITTERARIA — 4 de Agosto. | 1861 |
| 1850 | LEITURAS POPULARES. |
| ECCO DOS OPERARIOS — 28 de Abril. | 1862 |
| O JUDEU ERRANTE — 1 de Abril. | O FUSTIGADOR — 1 de Agosto. |
| A ASSEMBLEIA LITTERARIA — N.º 2 — 5 de Dezembro. | 1863 |
| 1852 | OS DESAFOGOS DA VIDA — pelo Dr. Guilherme Centazi — Janeiro. |
| A ILLUSTRACÃO — 15 de Janeiro. | BOUDOIR — 14 de Dezembro de 1853. |
| 1853 | 1864 |
| FOLHA LITHOGRAPHICA LISBONENSE — 14 de Setembro. | DIARIO DE NOTICIAS — 29 de Dezembro — Proprietarios: Thomaz Quintino e Eduardo Coelho, Redactor. |
| REVISTA POPULAR. | 1866 |
| REVISTA ULTRAMARINA. | QUADROS HISTORICOS — N.º 1 e 2 — Novembro e Dezembro. |
| 1855 | ESTUDOS BIBLIOGRAFICOS — N.º 1, 2 e 3 — Novembro e Dezembro. |
| REVISTA PENINSULAR. | |
| BIBLIOTECA DO PROGRESSO. | |

PROGRESSO LITTERARIO — Setembro de 1866. Proprietários e Redactores Principais — D. J. de Cardoso Lobo e A. P. Baptista Machado.

O PAQUETE TEJO — 1866. — Proprietário e Director — M. J. Cabral.

1867

ROMANCES CONTEMPORANEOS — N.º 1 a 15, Vol. I — Director — Leite Bastos.

JORNAL DAS DAMAS — Janeiro — Redactor Principal — F. P. B. Nogueira.

FLORILEGIO CATHOLICO — Janeiro — Director — A. da Silveira Pinto.

A FLOR LITTERARIA — 19 de Janeiro — Proprietários-Redactores — E. A. Desforges e L. Soromenho.

1868

A LANTERNA — 8 de Outubro.

O ARCHIVO DO POVO — N.º 1 a 44.

1869

ANNAES DA ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE LISBOA.

A SCIENCIA ALLEMÃ — Dir. F. A. Coelho.

O PRECURSOR.

1870

A REPUBLICA — N.º 1 a 7 — 11 de Maio.

UM LAÇO AOS CREDORES — Janeiro.

1871

A COSINHEIRA ELEGANTE E ECONOMICA — N.º 2.

1871/1896

A COMMUNA — Número único — 18 de Maio.

1871

AS FARPAS — Maio — Ramalho Ortigão — Eça de Queirós.

O CORREIO MEDICO — N.º 1 a 24.

1872

ANNUNCIADOR — 25 de Maio.

O CAVAQUINHO.

ARTES E LETRAS — Janeiro — Redactor: Rangel de Lima.

O ESPECTRO DE JUVENAL — Redactores: Gomes Leal, Guilherme d'Azevedo, Luciano Cordeiro, Magalhães Lima, Silva Pinto.

1874

O CONTEMPORANEO — Dezembro — Redactores: Gervásio Lobato, Pedro Videira, Salvador Marques, Sousa Bastos.

1875

O REFORMADOR — N.º 2 — Fevereiro.

O FIGARO — 11 de Julho.

REVISTA INDUSTRIAL — Gazeta das Aldeias.

1877

MEPHISTÓ... — Novembro.

MUSEU TECHNOLOGICO — Abril — Director: M. da Maia Alcoforado.

1878

O OCCIDENTE — 1 de Janeiro.

O FIGARO — 7 de Julho.

GUIA-ANNUNCIANTE DO VIAJANTE EM LISBOA.

PORTUGAL PITTORESCO — Janeiro.

1880

O PENACHO — 4 de Abril — Folha ilustrada por Jacinto M. Navarro.

ERA NOVA — Dirigida por Teófilo Braga e Teixeira Bastos — Gerente: António Furtado.

A LANTERNA.

REVISTA DE MEDICINA DOSIMETRICA — Maio — Director e Redactor Principal: Oliveira Castro.

OS HOMENS D'HOJE — 29 de Julho.

1881

O SECULO — 4 de Janeiro — Redactor Principal: Magalhães Lima.

INTRODUÇÃO — 1 de Janeiro.

1882

- CHRONICA MENSAL — Junho.
IMPRESSÕES DE VIAGEM — por um obscuro portuguez.
FRÉBEL — 21 de Abril.
O ALFACINHA — 26 de Agosto — Redactor: Urbano de Castro — N.ºs 2, 3, 4, 5 e 7, de 2, 9, 16 e 23 de Setembro e 7 de Outubro e N.º 10, de 31 de Outubro.
GUTTENBERG — 1 de Agosto.
CHRONICA MENSAL — Junho.
REVISTA UNIVERSAL — Director: Henrique Gorjão.
GALERIA REPUBLICANA — Director: Magalhães Lima.
A RUA.
EURICO — Janeiro.
THEATRO DOS RECREIOS — N.º 8 — 17 de Outubro.

1883

- AS COLONIAS PORTUGUEZAS — 1 de Janeiro — Direcção e Redacção efectiva: G. D. Pessoa Allen, H. de Carvalho, Manuel Ferreira Ribeiro.
O ELEGANTE — Número-specimen — Maio — Editor: David Corazzi.
O AEROLITHO — 22 de Julho.

1884

- ESTUDANTINA — Número único — Abril.
LISBOA-CRECHE — Número único — 17, 18 e 19 de Maio — Directores: Raphael Bordallo Pinheiro e Xavier da Cunha.
REVISTA DA EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA — 4 de Maio.
A ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA — Número-prospecto — Junho.
O BRINDE — Número único — Gerente-Proprietário: Mariano Silvestre de Jesus.
AS CREANÇAS — 17 de Julho.
O AFRICANO — Dezembro — Directores litterários: Augusto Peixoto e José Leopoldo Mesa.
O LIVRO DE OURO — Janeiro.
A SCIENCIA POPULAR — 5 de Janeiro.

- NOVIDADES — 7 de Janeiro — Director: Emygdio Navarro.
O EXPLORADOR — 15 de Janeiro — Proprietários: Ernesto de Carvalho, J. D. Rodan Tavares e F. Soares Victor.
PONTOS NOS II — 7 de Maio — Ilustrado por Bordallo Pinheiro.
CAPELLO E IVENS — Numero unico — 16 de Setembro — Directores litterarios: Affonso Vargas, J. Augusto Barata e Palermo de Faria.

1886

- BIBLIOTECA DOS POBRES.
A LUZ — Maio.
GALERIA DO PIST! — Desenhos de João Cabral.
CRITICA AMENA — Julho — Proprietário: Augusto Forjaz.
SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DO JOERNALISMO — Pelo sócio Brito Aranha.
REVISTA ILLUSTRADA — 5 de Novembro — Director, Redactor Principal: Luís António Gonçalves de Freitas.
PROPAGANDA DEMOCRATICA.
O DIABO COXO — Outubro.

1887

- ALBUM DE BIOGRAPHIAS CONTEMPORANEAS.
A GAZETA DOS THEATROS — Redactor: Raphael do Valle.
O DOMINGO — Maio.
GAZETA DE PORTUGAL — 1 de Novembro.
TRIBUNA REPUBLICANA.
O REPORTER — 24 de Dezembro — M. Pinheiro Chagas, Redactor em Chefe.

1888

- O FANTASMA — D. Espadachim, Director.
BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL — 1 de Janeiro — Director: Marques da Costa.
O REPORTER — 1 de Janeiro — Redactor em Chefe: M. Pinheiro Chagas.
O DOUTOR — 7 de Janeiro — Redactor: Luís S. Campos.
A PONTUALIDADE — 31 de Março — Redactor Principal: Antonio Victor.

ESQUERDA DYNASTICA — 12 de Abril.
 A GAIPA — 23 de Maio.
 O CAIXEIRO PORTUGUEZ.
 O CAIXEIRO PORTUGUEZ — 3 de Junho.
 O GUARDA NOCTURNO — 9 de Junho.
 GAZETA DOS MUNICIPIOS — 27 de Junho.
 O ESCANDALO — 4 de Julho.
 O MELRO — 1, de 9 de Junho.
 A VOZ DO CAIXEIRO — 1 de 15 de Setembro.
 O CORREIO DE ANNUNCIOS — 1, de 1888 —
 Director: Henrique Gorjão.

1889

O TEMPO — 1, de Janeiro — Director:
 Carlos Lobo d'Ávila.
 GOTTAS DE CHYPRE — 1, de 20 de Janeiro.
 A TARDE — 1, de 22 de Abril — Secretário
 da Redacção: Eduardo Schwalbach
 Lucci.
 O ALFINETE — 1, de 27 de Janeiro — Redac-
 tor e Caricaturista: Lucas Calado
 (Pseudónimo).
 A SEMANA LITTERARIA — 14 de Abril.
 O LISBOA-COIMBRA — 14 de Outubro de
 1889 — Director e Redactor Principal:
 João de Mendonça Cortez Júnior.
 NEM CÁ NEM LÁ — 1 de Fevereiro.

1890

REVISTA ILUSTRADA — Suplemento-Spe-
 cimen — Proprietários: Mariano Level
 & António Maria Pereira, Gerente.
 MEIO DIA (O) — Outubro.
 A PATRIA — 29 de Janeiro.
 O FACHO — Fevereiro — Secretário da
 Redacção: A. de Azevedo.
 O INTERESSE PUBLICO — 20 de Março.
 A VEDETA — 1 de Abril.
 A OPPOSIÇÃO — 21 de Maio — Editor:
 Salvador Teixeira d'Azevedo.
 O GRAPHICO — 1, de 1 de Junho.
 O TOUREIRO PORTUGUEZ — 8 de Junho.
 A RISOTA — 28 de Junho — Editor: José
 Garcia de Lima.
 A REPUBLICA PORTUGUEZA — 1 de Setem-

bro — Redactor Principal: João Cha-
 gas.

A LANTERNA — 11 de Setembro.
 A MOCIDADE — 17 de Setembro.
 A CORJA — 30 de Setembro.
 O PASSATEMPO — 4 de Outubro — Redac-
 tor Principal: Barros e Silva.
 A CARICATURA — 12 de Outubro — Edi-
 tor: J. Garcia de Lima.
 A NOITE — 15 de Outubro — Editor: Illy-
 dio Analid da Costa.

1891

A LEGISLAÇÃO — Janeiro — Director: João
 M. Pacheco Teixeira Rebello.
 O DOMINGO — 15 de Março.
 NOVA ALVORADA — 1 de Maio.

1892

O ARCHIVO PRECIOSO — Janeiro.
 FOLHETINS HUMORISTICOS — 14 de Feve-
 reiro — Editor: Caetano Simões Afra.
 A QUESTÃO SOCIAL — 8 de Julho.

1893

A MOCIDADE ILLUSTRADA — 1 de Janeiro
 — Director: José M. Martins.
 REVISTA DO EXERCITO E DA ARMADA —
 Maio.
 O ANUNCIADOR LUZITANO — 15 de Abril.
 O PORVIR — 16 de Abril.
 O MUNDO MUZICAL — 15 de Junho — Di-
 rector: Julio Bettamio d'Almeida.
 BOLETIM BIBLIOGRAPHICO — Julho.
 REVISTA MECHANICA PORTUGUEZA — Nú-
 mero-programa: 1 de Julho e 1 de Ou-
 tubro.

1894

A SEMANA ILLUSTRADA — 20 de Janeiro
 — Editor: J. Correia de Lima.
 O ANTI-JESUITA — 18 de Agosto.
 PORTUGAL VELHO — (Programa) — 19 de
 Setembro.
 REVISTA PORTUGUEZA — Dezembro — Di-
 rector: Joaquim de Araújo.

1895

- SALÃO DE VENDAS — 10 de Fevereiro —
Proprietário gerente: José dos Santos
Libório.
SERÕES & SESTAS — Programa — Abril.
O PAIZ — 1 de Novembro — Director:
Alves Correia.

1896

- O MUNDO EM CASA — Director: Higinio
Mendonça.
NOITES DE VIGILIA — Silva Pinto.
O RECREIO — N.º 1, 2 e 3, de 6, 13 e 20
de Janeiro.
O BIBLIOPHILO — 1 de Março.
BRANCO E NEGRO — 5 de Abril.
A LIBERDADE — 23 de Agosto.
A BARRICADA — Director: Gonçalves Ne-
ves (*Saint-Just*).
O ACADEMICO — 23 de Dezembro.

1897

- CARTILHA RURAL — Redactor: António
Batalha Reis.
REVISTA REPUBLICANA — 20 de Abril —
Director: Carlos Calisto.
O DOMINGO ILLUSTRADO — Maio.
ACTUALIDADES — 22 de Maio.
REVISTA POPULAR — 7 de Novembro.
BOLETIM BIBLIOGRAPHICO — Junho.
REVISTA PORTUGUEZA — 20 de Outubro.
A MARSELHEZA — 28 de Novembro.
CARTILHA RURAL — Redactor Principal:
António Batalha Reis.

1898

- AGENCIA UNIVERSAL DE PUBLICAÇÕES —
Maio e Junho.
O CRITICO — 7 de Junho — Director: João
Borges.
A CORJA — 29 de Junho.
INDUSTRIA E COMMERCIO — 16 de Julho —
Secretário da Redacção: Luz Mósca.
O SUISSO — 27 de Novembro.

1899

- BRAZIL-PORTUGAL — 1 de Fevereiro — Di-

rectores: Augusto de Castilho, Jaime
Vitor e Lorjô Tavares.

- MILLENARIO DE HYPOCRATES — 8 de Março.
O DIABO — 1 de Maio — Editor: Henri-
que Pinto de Amaral.
O COMBATE — 1 de Dezembro — Editor:
José António de Carvalho Bastos.
A GRATIDÃO DA NAÇÃO — Número único.

1900

- A PARODIA — 17 de Janeiro — Editor:
Cândido Chaves.
A PAROTIDA — Número único — 22 de Fe-
vereiro.
OS RIDICULOS — 6 de Janeiro — Redac-
tor: Caracoles.
PASSATEMPO — 25 de Dezembro — Editor:
Joaquim Monteiro Cantarino.

1901

- COMMENTARIOS — Outubro — Director:
Padre Manso.
O ARAUTO — Janeiro — Proprietários:
Tomás de Melo e António Baptista.
REVISTA NOVA — 5 de Abril — Editor:
Ilídio Analide da Costa.
O JESUITA — 4 de Abril — Editor: To-
más Rodrigues Matias.
SERÕES — Março.

1902

- REVISTA COMERCIAL — Janeiro — Editor:
Henrique Pinto de Amaral.
A COMEDIA PORTUGUEZA — 28 de Janeiro
— Director: Marcelino de Mesquita.
GAZETA ESTERILIZADA — Número único —
6 de Fevereiro.
LISBOA ELEGANTE — 1 de Fevereiro —
Editor: Ricardo Correia da Conceição.
O EVANGELHO — 30 de Novembro.
GERMINAL — 5 de Outubro — Editor: To-
más Matias.

INTELECTUAES — Bernardino Machado —
por Lopes de Oliveira.

1903

- CAMPOLIDE — Número único — 25 de De-
zembro.

REVISTA INTERNACIONAL — Dezembro.
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA — 9 de Novembro.

O JORNAL DA NOITE — 27 de Abril — Director: Fernando Martins de Carvalho.

PARODIA — Comédia Portuguesa — 14 de Janeiro — Director: Rafael Bordalo Pinheiro.

ARCHIVO HISTORICO PORTUGUEZ.

O GRANDE ELIAS — 8 de Outubro — Redactor Principal: Joaquim dos Anjos.

1904

O APICULTOR — Janeiro e Fevereiro.

A NOSSA TERRA.

REVISTA DE MANICA E SOFALA — Editor: José Graça Santos.

A PAPELARIA PALHARES — Número único — 10 de Agosto.

O GRAPHICO — 15 de Setembro.

JORNAL DAS SENHORAS — 10 de Outubro — Editor: Cândido Chaves.

JORNAL DAS FAMILIAS — 1 de Dezembro — Director: Júlio Negrão.

1905

NOTICIAS DE LISBOA — 16 de Janeiro — Editor: José Alves Leite.

A INSTRUÇÃO DO POVO — Fevereiro — Director: João de Deus Ramos.

BIBLIOTECA DO PROLETARIADO — «VERITAS» — Director: José Bedy.

POLYTECHNICA.

1906

REVISTA REPUBLICANA — 8 de Dezembro — Director: Augusto Rato.

LIBERDADE — 5 de Janeiro — Director: Gualter Duque.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUEZA — N.º 1 a 5 — Janeiro a Maio.

OS ECCOS THEATRAES — 5 de Fevereiro — Director: Francisco Neves Júnior.

VOZ DO CORTICEIRO — 3 de Junho — Editor: António de Sousa.

A CIDADE E OS CAMPOS — Julho — Editor: J. M. Cantarino.

REVISTA DAS ARTES GRAPHICAS — Dezembro — Editor: Aires C. Pereira da Costa.

NOTAS DA DECADENCIA.

OS DIREITOS POLITICOS.

GALERIA REPUBLICANA — Dr. Ant. José d'Almeida — por José Agostinho.

1907

BOLETIM — Da Soc. de Propaganda de Portugal — Julho.

COSMOS.

ILLUSTRAÇÃO POPULAR — Dezembro — Director: Vítor Falcão.

O MICROBIO — Número único — Abril.

PORTUGAL NOVO — 20 de Abril — Director: Agostinho Fortes.

ACÇÃO LIBERAL — 24 de Novembro — Director: António Alexandre Souto.

O BOHEMIO — 14 de Setembro — Director: José Drary.

O ROSARIO — Outubro.

1908

CARTA AO REI D. MANOEL — 1.º de Dezembro — por João Chagas.

ALBUM REPUBLICANO — 23 de Janeiro — Director: J. Ramos.

O GRANADEIRO — Número único — Fevereiro — Directores: Alfredo Cândido e Maurício Pimenta.

O XUÃO — 26 de Fevereiro — Director: Estêvão de Carvalho.

A RUSGA — 24 de Abril — Director: Cervantes de Haro.

1909

A GAFANHA — Por Campos Lima.

BOLETIM COMMERCIAL E INDUSTRIAL — Janeiro — Director: Francisco A. Garcez Teixeira.

A RIR... A RIR... — 1 de Abril — Por Ferreira Manso.

PAZ E LIBERDADE — Julho — Redactor Principal: Silva Júnior.

AMANHÃ — 1 de Junho — Directores: Grácio Ramos e Pinto Quartim.

A ACÇÃO — Agosto — Director: Armando Costa.
SANGUE — I — Por Artur Ribeiro Lopes.
A SEMANA INFANTIL — O CARLITOS — Director: Gaspar de Almeida.

1910

ARCHIVO DE LEGISLAÇÃO — 22 de Novembro — Director: Carlos Vieira Ramos.
ALMA NACIONAL — 10 de Fevereiro — Director: António José d'Almeida.
A RAJADA — 1 de Janeiro — Director: Joaquim de Landerset.
O INTRANSIGENTE — 12 de Fevereiro — Director: Machado Santos.
O TOURISTE — 7 de Janeiro — Director: Agostinho José da Silva.
O ESPIRITO HISTORICO — Por Fidelino de Figueiredo.
O GAFANHOTO — Janeiro — Directores: Henrique Lopes de Mendonça e Tomás Bordalo Pinheiro.
PATRIA PORTUGUEZA — Janeiro — Director e proprietário: João Maria Ferreira.
ARCHIVOS DE HISTORIA DA MEDICINA PORTUGUEZA — 10 de Fevereiro — Redactores: Maximiano Lemos e João Meira.
O FADO — 16 de Abril — Director: Carlos Harrington.
O CAFÉ — Director: Lemos de Nápoles.
O JORNAL DA MULHER — 5 de Julho — Directora: Albertina Paraíso.
A ALMA DO FADO — 9 de Julho — Directores: Raul A. de Oliveira e A. C. de Sousa.
ÁVANTE — 25 de Novembro — Director: Luís Pacheco.
NOVO MUNDO — 4 de Dezembro — Redactor: Gomes dos Santos.
A REFORMA SOCIAL — Número-programa — 1 de Dezembro — Director: Agostinho Fortes.
A VOZ DO COMMERCIO — 23 de Abril — Director: Ângelo Pons.

1911

O FUTURO — 15 de Janeiro — Director: Luís T. Machado.
(A) SATIRA — 1 de Fevereiro — Director: Joaquim Guerreiro.
VIDA ARTISTICA — Março — Director: J. Pedroso Amado.
O THEATRO — 20 de Abril — Secretário: J. Osório.
A TRISTE CANÇÃO DO SUL — 9 de Setembro — Director: Eduardo Bramão d'Almeida.
A SCENA — 4 de Abril — Director: Alfredo Monteiro.
VERDADE E JUSTIÇA — 19 de Junho — Por Gomes de Carvalho.

1912

(A) AGVIA — Janeiro — Director literário: Dr. Teixeira de Pascoais.
O PALCO — 5 de Janeiro — Director: E. Nascimento Correia.
A VOZ DO DIREITO — 14 de Janeiro — Director: José d'Arruela.
O SÉCULO — 14 de Fevereiro — Directora: Isabelle Carizey de Carvalho.
A NOVA ESCOLA — 10 de Março — Secretário: Teodósio Carlos Cabral.
A TARDE — 16 de Abril — Editor: Camilo de Sousa e Almeida.
HELIOS — 24 de Abril — Director: Ilídio Elias da Costa.
JUSTIÇA — Maio — Administrador: Carlos Gonçalves.
O SECULO AGRICOLA — 3 de Agosto — Director: Sertório do Monte Pereira.
A TUTORA — Outubro — Director: Pedro de Castro.
PATRIA LIVRE — Número único — 5 de Outubro.

1913

A VIDA PRATICA — Janeiro — Director: Carlos Alberto Correia.
EDUCAÇÃO — 15 de Janeiro — Director: E. A. Lima Basto.

THEATRALLIA — Fevereiro — Director: Francisco Lage.

BOLETIM DAS SOCIEDADES DE INSTRUÇÃO MILITAR PREPARATORIA — Director: Dr. Morais Manchego.

O ENSINO PROFISSIONAL — 25 de Maio — Director: Artur Álvaro Pereira de Sousa.

A LANTERNA ILLUSTRADA — 8 de Junho — Director: A. Campos Dumas.

O MATIAS — 28 de Junho — Director: João Bastos.

O REBATE — 1 de Agosto — Director: Alfredo de Magalhães.

OS MEUS CADERNOS — 15 de Agosto — Editores: Almeida & Miranda.

MUNDO MORAL — 1 de Novembro — Redactores: Luciano Silva e Eduardo Moreira.

1914

UNIVERSIDADE LIVRE — Janeiro — Director: Alexandre Ferreira.

O SUCESSO — Janeiro — Director: Dr. Gilberto Marques.

O CACETE — 21 de Janeiro — Director: Luís Machado.

AQUI D'EL-REI!... — Fevereiro — Editor: João do Amaral.

ALMA — 15 de Fevereiro — Por José d'Almeida.

O INFORMADOR — Abril — Director: S. A. Fragoso.

PAPAGAIO REAL — 7 de Abril — Director: Alfredo Lamas.

A PAVANA — 18 de Abril — Por Albertino da Silva.

PROPAGANDA DE PORTUGAL — 10 de Maio — Director: O secretário da Sociedade.

DIÁRIO DA MANHÃ — 27 de Maio — Secretário da Redacção: Joaquim Leitão.

A RESTAURAÇÃO — 20 de Junho — Director: Homem Cristo, Filho.

O SÉCULO (Edição da Noite) — 19 de Setembro — Director: J. J. da Silva Graça.

O QUE HA DE NOVO — 10 de Dezembro — Director: Tomás d'Eça Leal.

Ó DA GUARDA — 15 de Dezembro — Director: Armando Gorjão.

A NOTICIA — 23 de Dezembro — Director: Brito Camacho.

1915

A QUINZENA DE PORTUGAL — 1 de Março — Director: J. Ribeiro Cardoso.

OS CRIMES DA FORMIGA BRANCA — Editor: J. Rocha Júnior.

ORPHEU — Editor: António Ferro.

INICIO — Janeiro — Director: Oliveira Mouta e Hermenegildo António.

A ACÇÃO NACIONAL — 30 de Janeiro — Director: Astrigildo Chaves.

O MALHO — 11 de Fevereiro — Editor: João Nobre.

REVISTA DA FEDERAÇÃO ACADEMICA DE LISBOA — Março — Director: Raul Navas.

ATLANTIDA — 15 de Novembro — Director: João de Barros.

PALAVRAS AMARGAS — Março — Editor: Campos Ferreira.

O NACIONAL — 1 de Março — Director: Aníbal Soares.

A IDEIA NACIONAL — 17 de Março — Director: Homem Cristo, Filho.

O JORNAL — 4 de Abril — Director: Boavida Portugal.

AEIOU — 6 de Abril — Director: João Salazar de Eça.

A DESAFRONTA — 10 de Abril — Director: Benjamim Jerónimo.

FORA DA LEI! — 29 de Abril — Directores: Hermano Neves e Herculano Nunes.

O ESTUDANTE — 22 de Maio — Director: Arnaldo de Barros.

O PANTAGRUELISTA — 27 de Junho — Director: V. Magalhães.

A GLEBA — 4 de Julho — Director: Feliciano Fernandes.

A RUA — 17 de Julho — Director: Álvaro Antunes (Tasso).
 CATORZE DE MAIO — 18 de Julho — Director: Júlio de Sousa Larcher.
 O ESPECTRO — 20 de Agosto — Director: Astrigildo Chaves.
 A PROPAGANDA — 29 de Agosto — Editor: Ângelo dos Santos.
 O ESCUTEIRO — Novembro — Director: A. J. Sá Oliveira.
 PALAVRA LIVRE (2.^a série) — 14 de Novembro — Director: José de Almeida.
 O IMPARCIAL — 4 de Dezembro — Director: Francisco Santos.
 OS BURROS — 10 de Dezembro — Director: Braz Burity.
 O ESPERANTO (n.^o único) — 15 de Dezembro — Director: Adélio de Carvalho.
 O GRANDE E HORRIVEL CRIME — Por Bourbon e Meneses e Gonçalves Cotta.

1916

A REVISTA SOCIAL — Janeiro — Director: Mateus Ruivo.
 CAMILLIANA.
 CORREIO LITTERARIO — 1 de Janeiro — Director: Cymo Dalcan.
 A PATEADA — 2 de Janeiro — Director: Carlos d'Almeida.
 MIAU — 21 de Janeiro — Editor: Mário d'Oliveira.
 A MONARCHIA — 25 de Janeiro — Director: Astrigildo Chaves.
 GERMINAL — Fevereiro — Director: Emílio Costa.
 A ORDEM — 2 de Fevereiro — Director: Mário Martins.
 O FADARIO — 6 de Fevereiro — Director: Joaquim Ferreira (Acharat).
 O ZÉ P'REIRA — 4 de Março — Director: Aires Pereira da Costa.
 EXILIO — Abril — Director: Augusto de Santa-Rita.

A CANÇÃO DE PORTUGAL — 2 de Abril — Direcção de Jorge Gonçalves e Artur Arriegas.
 O ESCANDALO — 15 de Abril — Director: J. A. Grácio Ramos.
 A TARDE — 1 de Junho — Director: Bourbon e Meneses.
 REVISTA ODONTOLOGICA — Julho — Director: António Emílio da Silva.
 A BONDADE — Novembro — Redactor: Lourenço de Melo.

1917

REVISTA TECNICA DE COMERCIO — 15 de Janeiro — Director: Prof. Luís Viégas.
 PORTUGAL COLONIAL — 18 de Janeiro — Director: J. Benedito Gomes.
 A CAUSA — 1 de Fevereiro — Director: António Rodrigues Graça.
 A JUSTIÇA — 1 de Fevereiro — Director: Luís Baptista.
 PORTUGAL — 27 de Março — Director: Artur Leitão.
 A ATUALIDADE — 30 de Maio — Redactor: Abel de Montelano.
 ALMA ACADEMICA — 25 de Março — Director: Antero de Moura Carvalho.
 SOLIDARIEDADE — 1 de Maio — Director: José d'Almeida.
 A MONARQUIA — 12 de Fevereiro — Director: Conde de Monsaraz.
 A MANHÃ — 1 de Março — Director: Mayer Garção.
 O UNIVERSO — 9 de Abril — Director: D. José Manuel de Noronha.
 VISITAS CIDADINAS — Por Ribeiro Coelho.
 BOLETIM PATRIOTICO DA UNIVERSIDADE LIVRE — Julho — Director: Alexandre Ferreira.

1918

SITUAÇÃO — 12 de Dezembro — Redactor: Arnaldo Pereira.
 JORNAL DA TARDE — 6 de Fevereiro — Secretário: Domingos de Magalhães.

O RADIUM — Março — Director: Júlio Graça.
 O TORNIQUETE — 1 de Abril.
 PELA GREI — Director: António Sérgio.
 O TEMPO — 5 de Outubro — Director: Dr. A. Rodrigues Pereira.
 A SITUAÇÃO — 4 de Abril — Redactor: Raul Almeida Reis.
 BOLETIM DA ESCOLA-OFICINA N.º 1 — Janeiro.
 BOLETIM FARMACOLOGICO — Director: J. A. Correia dos Santos.
 O PROFESSOR PRIMARIO — 30 de Julho — Director: António Manaças.

1919

24 DE JANEIRO — 24 de Fevereiro — Director: A. Marques.
 O ECLETICO — Fevereiro — Editor: José Inácio da Silva.
 PÃO, PÃO... — 9 de Fevereiro — Secretário: M. d'Oliveira.
 ALMA DA MOCIDADE — Fevereiro — Director: Jacinto Marques.
 A BATALHA — 23 de Fevereiro — Redactor principal: Alexandre Vieira.
 O RAMBOIA — 22 de Março — Director: António A. Teles.
 O CHICO DA VELHA — 7 de Março — Redactor: Raul Serra e Vila.
 A EPOCA — 25 de Março — Director: J. Fernando de Sousa.
 A VITORIA — 13 de Abril — Director: Hermano Neves.
 A ANARQUIA — Maio — Director: José Franco.
 FOLHA ANUNCIADORA — 25 de Março — Editor: Ariosto M. da M. da Silva Saturnino.
 BECO DO FALA-SÓ — 10 de Abril — Director: Câmara Lima.
 A B C — Abril — Director: Zuzarte de Mendonça.
 NÓS — 17 de Abril — Director: João de Campos Silva.
 REVISTA DE PORTUGAL — 24 de Maio — Director: D. J. de Sousa Coutinho.
 O DE LISBOA — 8 de Junho.
 AVANTE — 20 de Junho — Redactor principal: Carlos José de Sousa.
 A ACADEMIA — 3 de Junho — Directores: Zagalo Fernandes e Elmano Vieira.
 A IMPRENSA — 21 de Junho — Directores: Augusto de Castro, Hermano Neves, João Pereira da Rosa e Manuel Guimarães.
 A TRIBUNA DO POVO — Julho — Director: Reinaldo F. Godinho.
 RECREIO E SPORT — 27 de Julho — Director: Luís Palma.
 A VERDADE — 12 de Julho — Director: Alfredo de Carvalho.
 O BIDÉ — Julho — Director: Gerardo da Silveira.
 O SOCIALISTA — 1 de Agosto — Director: Miguel A. Silva Ferreira.
 O ESTRONDO — 10 de Agosto — Director: Venceslau de Oliveira.
 O RISO D'A VITORIA — 15 de Agosto — Directores: Jorge Barradas e Henrique Roldão.
 O JORNAL — 1 de Agosto — Director: Joaquim Madureira.
 A CIDADE — Agosto — Director: Carlos José Fernandes.
 BOLETIM DE ETNOGRAFIA — Dirigida por J. Leite de Vasconcelos.
 ABAIXO — 15 de Setembro — Por Afonso Bragança.
 OS CRIMES DOS LACRAUS — Por F. Raimundo Alves.
 O CALOIRO — 15 de Outubro — Director: Carlos Ferreira.
 A REPUBLICA NOVA — 14 de Janeiro — Director: Manuel Pedro Cardoso Bravo.
 A COTAÇÃO — 15 de Setembro — Redactor: Júlio dos Santos Trindade.
 A SUSPENSÃO — 18 de Dezembro — Director: Joaquim Durão.
 ALJUBARROTA — Dezembro — Director: A. Estácio da Veiga.

1920

- COMMENTARIOS — Julho — Director: Júlio da Silva.
A B C — Número specimen.
A B C — 15 de Julho — Director: Rocha Martins.
DIARIO DE NOTICIAS (Edição da noite) — 29 de Dezembro — Director: Augusto de Castro.
A REVOLUÇÃO — 23 de Setembro — Director: José Duarte Costa.
O SIDONISTA — 18 de Julho — Director: Casanova Ferreira.
A SEMANA — 20 de Novembro — Director: Carlos Correia Pinto da Silva.
A TROMBETA — 1 de Novembro — Editor: A. Roque Santos.
O ESPECTADOR — 15 de Janeiro — Director: Carlos Fernandes.
A IMPRENSA DA MANHÃ — Abril — Director: Luís Derouet.
RITHMOS — 25 de Abril — Director: Augusto d'Esaguy.
REVISTA DE EDUCAÇÃO FISICA — Março — Director: José Luís Ribeiro.

1921

- A B C A RIR — 1 de Janeiro — Director: Jorge Barradas.
A IMPRENSA DE LISBOA — 19 de Janeiro — Director: Campos Lima.
ULTIMA HORA — 16 de Fevereiro — Directores: Pinto Quartim e Norberto Lopes.
O ZÉ MAIA — 5 de Fevereiro — Director: Eduardo Marques.
A RESTAURAÇÃO — 28 de Fevereiro — Redactor: Aprígio Mafra.
DIARIO DA TARDE — 28 de Fevereiro — Director: J. Duarte Costa.
CORREIO DA MANHÃ — 7 de Abril — Director: Aníbal Soares.
O REALISTA — 17 de Abril — Director: D. José D'Avilez.

BARRABÁS — 14 de Abril — Director: Henrique Torres.

- O JORNAL — 20 de Janeiro — Comissão directora: Fernando de Sousa, Augusto de Castro, Nuno Simões e Manuel Guimarães.
O JORNAL (Edição da noite) — 3 de Fevereiro — Comissão directora: Fernando de Sousa, Augusto de Castro, Nuno Simões e Manuel Guimarães.
A DEMOCRACIA — 15 de Junho — Directores: João Camoezas e Baltasar Teixeira.
A IMPRENSA DA MANHÃ — 7 de Julho — Redactor principal: E. Fernandes (Esculápio).
A IMPRENSA LIVRE — 21 de Julho — Director: Campos Lima.
A MONARQUIA NOVA — Director: Bernardo Pinheiro de Melo (Arnos).
O COMUNISTA — 16 de Outubro — Redactor principal: Manuel Ribeiro.
ALMA NACIONAL — 4 de Outubro — Director: Mário Monteiro.
A B C ZINHO — 15 de Outubro — Directores: Manuel de Oliveira Ramos e Cotinelli Telmo.
A REVOLUÇÃO — 15 de Outubro — Director: João de Almeida Júnior.
SEARA NOVA — 15 de Outubro — Corpo directivo: Aquilino Ribeiro, etc.
O CLARIM — Novembro — Redactor: António Cabreira.
- 1922
- O CHARADISTA — 1 de Janeiro — Director: João Francisco Lopes (*Jofral*).
A REVOLUÇÃO — 5 de Fevereiro — Director: Sílvio Luso (Caetano dos Reis).
O ESUTISMO — Junho — Director: António Azedo.
O ECO DO COLEGIO FRANCEZ (número extraordinário) — 1 de Abril — Director: Francisco de Sousa.
AMANHÃ — 1 de Março — Director: Campos Lima.

A LANTERNA — 15 de Abril — Redactor principal: A Machado.
 A PALAVRA — 24 de Julho — Director: Simão de Laboreiro.
 A SEMANA ILLUSTRADA — 7 de Outubro — Director: Avelino Monteiro.
 O OUTUBRISTA — 19 de Janeiro — Director: José Pinto de Machado.
 CRUZADA NACIONAL NUN'ALVARES — Novembro — Director: João Afonso de Miranda.
 BOLETIM DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CIVICA — Novembro.

1923

ALMA QUE VOLTA — Director: Dr. Sousa Costa.
 FANTOCHES — 6 de Janeiro — Director: Rocha Martins.
 A PARODIA — 10 de Janeiro — Editor: João Lemos de Nápoles.
 A SEMANA MUSICAL — Janeiro — Directora: Oliva Guerra.
 NOVELA SUCESSO — 15 de Fevereiro — Director: Francisco A. Direitinho.
 REVISTA PORTUGUESA — 10 de Março — Director: Vítor Falcão.
 CINE-SPORT — 15 de Março — Director: Jaime de Mira Leal.
 CINE-TEATRO — 4 de Maio — Director: Valentim da Cunha.
 A TARDE — 1 de Agosto — Direcção: Jorge de Abreu e Carlos Faro.
 A NOVELA — 27 de Setembro — Director: Jorge Santos.
 LIVROS E ESCRITORES — Outubro.
 OS MEUS CADERNOS — Outubro — por Mariotte.
 HOMENS LIVRES — 1 de Dezembro.
 NOVIDADES — 15 de Dezembro — Redactor principal: Tomás de Gamboa.

1924

UM SORTILEGIO.
 O CHIADO — Directores: João Ameal e Luís de Oliveira Guimarães.

LISBOA MEDICA — Janeiro — Direcção: Custódio Cabeça.
 LABORATORIO E CLINICA — Janeiro — Director: Dr. Seixas Palma.
 GNOSE — Janeiro/Março — Director: Carolino Acácio Cordeiro.
 NOVO SOL — 1 de Janeiro — Director: João Gomes Arriegas.
 REVISTA MUSICAL — 15 de Janeiro — Director: Luís Felgueiras.
 A VOZ DO POVO — 16 de Janeiro — Director: J. Mendes Florindo.
 REVISTA LITERARIA — Março — Director: César de Frias.
 CORREIO DOS TEATROS — 1 de Abril — Director: A. Vítor Machado.
 A MOCA — 20 de Abril — Director: Rui da Cunha.
 A CORJA — 25 de Abril — Director: Martins dos Santos.
 CORREIO DA NOITE — 2 de Maio — Redactor: J. Duarte Costa.
 O ARAUTO — 11 de Maio — Director: Fernando Vale.
 ACÇÃO REALISTA — 22 de Maio — Redactor principal: Ernesto Gonçalves.
 CAMPOS DE PORTUGAL — 27 de Maio — Director: Egídio Inso.
 DE PORTUGAL — Junho — Director: Urbano de Oliveira.
 A CIDADE (Número único) — 10 de Junho — Director: Joaquim da Silva.
 A GAZETA DAS COLÓNIAS (Número espécimen) — 19 de Junho — Director: Oliveira Tavares.
 A RISOTA — 13 de Setembro — Director: Moreira Graça.
 O ATLÉTICO — 27 de Setembro — Director: José da Cruz Filipe.
 CINE E SPORT — Outubro — Director: António Lourenço.
 ATHENA (Revista de Arte) — Outubro — Directores: Fernando Pessoa e Ruy Vaz.

A VOZ PÚBLICA — 23 de Outubro — Director: Nogueira Júnior.
 A VIDA — Novembro — Editor: João A. Cunha.
 T. S. F. EM PORTUGAL — 9 de Novembro — Director: Álvaro Contreiras.
 COMÉRCIO E INDÚSTRIA — 15 de Novembro.
 O CRISTÃO LUSITANO — Dezembro — Director: Rev. J. Santos Figueiredo, Bispo-Eleito.
 REVISTA DE BENEFICENCIA — Dezembro — Director: Calado Rodrigues.

1925

CRONICA MEDICA — Janeiro — Director: Dr. Tomé de Lacerda.
 REVISTA DE ARTE E SPORT — Fevereiro — Director: Aníbal Nazaré.
 LIVRO — Março — Director: Salvador Sabóia.
 ATLANTE — Março — Director: José do Vale e Silva.
 EUROPA — Abril — Secretário da Redacção: José Adolfo Coelho.
 EVA — 25 de Abril — Directora: Helena de Aragão.
 REVISTA DE ESTENOGRAFIA E DACTILOGRAFIA — Director: Sanches Ferreira.
 A NOVA EPOCA — 3 de Maio — Director: Pedro Correia Marques.
 REVISTA NACIONAL — 15 de Maio — Director: Artur Odorico Raposo.
 AZES DO FOOTBALL — Maio — Director: Aníbal Inês (*Lince*).
 O ESPECTRO — Junho — Director: Artur Leitão.
 MÉDICOS PORTUGUESES — Junho.
 RENOVACÃO — 2 Julho — Director: Gonçalves Vidal.
 O PINTAINHO — 16 de Julho — Directora: Rosa Silvestre.
 A TORRE DE VIGIA — Setembro — Director: George Young.
 VASCO DA GAMA — Outubro a Dezembro — Director: Fidelino de Figueiredo.

TECNICA — Dezembro — Directores: José Centeno Castanho e José de Queiroz Vaz Guedes.
 O CADASTRO — 10 de Dezembro — Director: Da Cunha Dias.
 REVISTA DE COMERCIO E CONTABILIDADE — Janeiro a Junho — Director: Francisco Caetano Dias.

1926

PORTUGAL-ESPERANTO — Janeiro — Director: Luzo Bemaldo.
 AUTO — Janeiro — Redactor: A. Sanches de Castro.
 ILUSTRAÇÃO — 1 de Janeiro.
 A RECONQUISTA — 15 de Janeiro — Director: Martinho Nobre de Melo.
 A CHOLDRA — 31 de Janeiro — Redactor Principal: Eduardo de Sousa.
 ARTE E SPORT ILUSTRADO — 26 de Fevereiro — Director: Júlio S. Moniz.
 A FLECHA — 28 de Fevereiro — Director: Evaristo de Carvalho.
 A NOITE — 18 de Março — Director: Cunha Leal.
 A AURORA — Abril — Director: Manuel Lopes.
 A ESTENOGRAFIA PORTUGUESA — Maio — Director: Jorge Leopoldo de Carvalho.
 COTAÇÃO DA BOLSA DE LISBOA — 4 de Maio — Director: Vilar Coelho.
 SEMPRE FIXE — 13 de Maio — Director: Pedro Bordalo.
 A MONTUREIRA — 31 de Maio — Editor: Augusto Ferreira Simões.
 O COMBATENTE — 13 de Junho — Editor: Xavier de Basto.
 A REVOLUÇÃO NACIONAL — 21 de Junho — Director: Armando Pinto Correia.
 A INFORMAÇÃO — 17 de Julho — Director: Homem Cristo, Filho.
 O CAUSTICO — 19 de Julho — Director: Alberto d'Oliveira.
 PORTUGAL — 23 de Agosto — Director: Dr. António Claro.

SETAS DESPORTIVAS — 15 de Setembro —
Editor: Alfredo Cândido Gregório da
Silva.

REVISTA INSULAR — 1 de Outubro — Di-
rector: Carlos d'Ornelas.

VOGA — 2 de Outubro — Directora: Lau-
ra Nogueira.

A NOVA ARCADIA — 25 de Outubro — Di-
rector: Artur Pereira Malta.

SOL — 29 de Outubro — Director: Celes-
tino Soares.

O LIBELO — 31 de Outubro — Redactor:
Libert Bell.

STADIUM — 8 de Novembro — Director:
Adolfo Coelho.

LISBOA NORTE — 19 de Dezembro — Di-
rector: José dos Santos.

1927

ELEUSIS — Janeiro — Director: Dr. João
Antunes.

A CHAVE DO SOL — 1 de Maio — Direc-
tor: Luís Filgueiras.

EM PROL DO SEGURO — 25 de Setembro
— Director: A. A. Ribeiro Barbosa.

REVISTA DE INFORMAÇÃO FARMACEUTICA —
Outubro.

O JORNAL DO DOMINGO — 4 de Dezembro
— Redactor: Arcádio de Matos Silva.

LUSO-COLONIAL — 15 de Dezembro — Di-
rector: Dr. Oliveira Santos.

CANÇÃO NACIONAL — 17 de Dezembro —
Director: João da Mata.

O COMERCIO — 4 de Dezembro — Direc-
tor: Fernando Pardal.

INFORMAÇÕES — Dezembro — Director:
Júlio Silva.

JORNAL DAS COLONIAS — 8 de Janeiro —
Director: Prazeres da Costa.

A VOZ — 29 de Janeiro — Director: J.
Fernando de Sousa.

REVISTA DE ESPIRITISMO — Janeiro/Feve-
reiro.

MAGAZINE BERTRAND — Janeiro — Direc-
tor: João de Sousa Fonseca.

A OBRA DA DITADURA.

O COMERCIO DE LISBOA — 27 de Fevereiro
— Director: António R. Antunes.

A IDEIA NACIONAL — 30 de Março — Di-
rector: João do Amaral.

SPORT LISBOA E BENFICA — Março — Se-
cretário: Manuel C. Afonso.

SEMANA PORTUGUESA — 28 de Abril —
Director: Calado Rodrigues.

A SEMANA ILUSTRADA — 26 de Maio —
Director: Alfredo Cândido.

O CAÇADOR — Julho — Director: José A.
de Freitas Cruz.

O BAIRRO CAMÕES — 24 de Julho — Di-
rector: Ernesto Alegria.

REPUBLICA PORTUGUESA — 14 de Julho
— Director: Mariano Vieira.

BANDARILHAS DE FOGO — 9 de Julho —
Director: Luís Ribeiro (*Pepe Luís*).

A GAROTA — Agosto — Director: Domin-
gos Assunção.

ARCHIVO NACIONAL DE EX-LIBRIS — Agos-
to — Directores: Armando de Matos e
A. de Gusmão Navarro.

DOS PRELOS — Outubro.

O ARAUTO — Novembro — Director: Ri-
cardo de Sousa.

RECORD — 19 de Novembro — Director:
J. Salazar Carreira.

1928

A BANDEIRA — Dezembro — Director:
António Pedro.

O CAMPO DE OURIQUE — Número único
— Dezembro — Redactores: Benvindo
Cardoso e Manuel de Almeida.

OS MORCEGOS — 29 de Dezembro — Di-
rector: Mário Homem Belino.

CÓCÓRÓCÓ — 20 de Dezembro — Directo-
res: Graciette Branco e Cardoso Lopes.

DE CINEMA — Janeiro — Redactor: Amé-
rico de Faria.

O ESTUDANTE — 1 de Janeiro — Direc-
tor: João M. Cruz.

TEATRO MAGAZINE — Janeiro — Director:
Mário Duarte.

- A ESTRELA — Janeiro/Fevereiro Editor: Coronel Óscar Garção.
- A RAÇA — 6 de Janeiro — Director: Pedro Muralha.
- REVISTA PORTUGUESA — Janeiro — Directores: Lopes Manso e Emídio Amaro.
- MOTOR — Janeiro — Editor: J. Almeida Júnior.
- A VERDADE — Janeiro.
- ARQUIVO NACIONAL DE EX-LIBRIS — 15 de Abril — Director: A. de Gusmão Navarro.
- INDÚSTRIA PORTUGUESA — Março.
- O POVO — Março — Director: Ramada Curto.
- VIDA LITERÁRIA — Abril.
- A NOTÍCIA — 9 de Abril — Director: Amâncio de Alpoim.
- CATALOGO MENSAL DA LIVRARIA UNIVERSAL — Abril.
- A RIBALTA — 8 de Abril — Director: Jaime Nunes.
- PORTUGAL — Maio — Director: Armando Fernandes da Silva Ramos.
- OS ALIADOS — Maio — Director: Rodolfo d'Oliveira.
- EXPANSÃO NACIONAL — Maio — Directores: Peres Trancoso e Mário Costa.
- ARTE MUDA — Maio — Director: Lino Lupo.
- LIBERDADE — 27 de Maio — Director: Virgílio Marinha de Campos.
- O NOTÍCIAS ILUSTRADO — 25 de Maio — Director: Leitão de Barros.
- CINE — Junho — Director: Paulo Frazão.
- IMAGEM — Junho — Director: João Boto de Carvalho.
- CINÉFILO — 2 de Junho — Director: Ave-lino de Almeida.
- STELLA-JORNAL — Junho — Editor: J. Machado.
- CIVILIZAÇÃO — Julho — Directores: Ferreira de Castro e Campos Monteiro.
- AQUILA — Julho — Directores: Américo Ramos e José de Seabra.
- AS FARÇAS — Ortigão Ramos.
- O POMPEU — Julho — Director: Rui Óscar Bergston.
- CASINO — 26 de Agosto — Director: Salema Vaz.
- REVISTA ANUNCIADORA — Agosto — Director: José Faria de Bettencourt.
- DO AR — 15 de Outubro — Director: Pinheiro Correia.
- O «AZ» 14 de Outubro — Director: Artur Inês.
- A CIDADE — 30 de Outubro — Redactor: Ernesto Faria.
- BOLETIM — 20 de Novembro.
- CINE NOTICIA — 17 de Novembro — Redactor: Jorge Simões.
- O CONDESTABRE — 4 de Novembro — Director: Fernando Martins Pinto.
- IGUALDADE — 3 de Novembro — Director: J. Gracioso Ribeiro.
- OFF-SIDE — 22 de Setembro — Directores: Mário Ximenes e Oliveira Júnior.
- PORTUGAL MODERNO — 15 de Setembro — Director: Adão de Figueiredo.

1929

- PROGRIDOR — 7 de Janeiro — Redactor: Eugénio Veiga Vaz.
- O CONTRIBUINTE — 15 de Janeiro — Director: Couto Martins.
- CINE TEATRO — 20 de Janeiro — Director: Paulo Varandas.
- ACTUALIDADES — 13 de Janeiro — Director: Américo Covões.
- FADOS — Janeiro — Por José Alves.
- REVISTA MUNICIPAL — Janeiro — Editor: Gambeta de Almeida Gomes.
- ARTE PENINSULAR — Janeiro — Director: Guerra Pais.
- O PUGILISTA — Janeiro — Director: Albano Martins.
- FEDERAÇÃO AGRÍCOLA — 15 de Fevereiro — Director: Dr. Tiago Sales.
- O PAPO-SECO — Fevereiro — Director: Manuel C. Vieira.

(Continua)

VISTAS DE LISBOA

por ANTÓNIO DE AGUIAR

(Continuação do n.º 60)

45

VISTA dum trecho da cidade tirada da Quinta da Torrinha, vendo-se a Graça, o Castelo de São Jorge e parte da Baixa. Ao fundo vê-se o rio Tejo e, ao longe, a Outra Banda.

- Insc. — LISBON SEEN FROM THE QUINTA DA TORRINHA VAL DE PEREIRO (na marg. inf.).
Subs. — *Drawn by L. B. Parkins* (na marg. inf., à esq.). *Engraved by W. J. Bennett* (idem, à dir.). *Published as the Act directs* (ao meio por baixo da insc.).
Dim. — 557 × 450 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

46

ESTAMPA geralmente designada por *Sopa de Arroios*.

- Insc. — *A S. A. R. O Principe Regente Nosso Senhor, Augusto, Pio, Magnanimo e Pai da Patria, D. O. C. Domingos Antonio de Sequeira, Luzitano Primeiro Pintor da Camara e Corte de S. A. R. Mestre dos Ser.^{ms} Snr.^o Principe, e Infantes, Academico de Merito na Incltyta Academia de S. Lucas em Roma, e das principaes da Italia, Director da Aula de Desenho na Real Academia da Marinha da Cidade do Porto, esta Estampa que copiou do natural. Representa a distribuição do alimento q̄ se repartio no Cruzeiro de Arroios aos infelizes emigrados q̄ desemparrão as suas terras assoladas pelo Exercito Francez na invasão de Outubro de 1810, e forão acolhidos, hospedados e sustentados pelos moradores de Lisboa, com o mais louvável patriotismo e humanidade* (na marg. inf.).
Subs. — *Dom. Ant. de Sequeira Ac. Rom. inv. del. e abrio os cont. das fig.* (na marg. inf. à esq.). *Publicada em Lisboa em 17 de Dezembro de 1813* (ao meio por baixo da insc.). *Greg. Franc.^o de Queiroz esculpiu as figuras a Agua forte e a buril em 1813* (à dir.).
Dim. — 835 × 540 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

49

VISTA parcial tirada da Quinta de Vale de Pereiro. Na parte sul. da mancha tem a planta de Lisboa e, no rio, os dizeres: *Rio Tajo (Tagus)*. Na parte sup. da mancha, à dir., tem a planta dos arredores de Lisboa e à esq. uma coluna de 19 linhas de referências com a designação das abreviaturas, encimada por: *Note*.

Insc. — LISBON — LISBOA (na parte inf. da mancha à dir. dentro duma cartela rectangular). *Lisbon, from the Quinta da Torrinha Val de Pereiro*.

Subs. — *Published under the Superintendance of the Society for the Diffusion of Useful Knowledge* (por baixo da insc.). *Drawn by W. B. Clarke Arch.^t* (na marg. inf. à esq.). *London, Edward Stanford, 6 Claring Cross* (idem, ao meio). *Engraved & Printed by J. Henshel* (idem, à dir.).

Dim. — 375 × 310 mm.

Proc. — Gravura.

VISTA parcial tirada da Quinta de Vale de Pereiro, vendo-se no 1.º plano um homem sentado, com uma viola e junto dele uma mulher de pé com uma criança. Ao fundo vê-se o rio Tejo e no último plano a Outra Banda.

Insc. — LISBON (na marg. inf.).

Subs. — *London, Published by Thomas Kelly 17, Paternoster Row* (na marg. inf. por baixo da insc.). *S. Davenport sculp.* (na marg. inf. à dir.).

Dim. — 220 × 145 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

VISTA tirada do rio abrangendo a parte da cidade que se estende desde Alcântara a Xabregas, vendo-se ao fundo o aqueduto das Águas Livres.

Insc. — VIEW UP THE TEJO (na marg. inf. ao meio).

Subs. — *J. C. Stadler sculp.* (na marg. inf. à dir.).

Dim. — 620 × 190 mm. de mancha.

Proc. — Gravura a agua-tinta.

Continuação da vista anterior.

Insc. — MOUTH OF THE TEJO (na marg. inf. ao meio).

Subs. — *G. Landmann Delt.^t* (na marg. inf. à esq.).

Dim. — 620 × 190 mm. de mancha.

Proc. — Gravura a agua-tinta.

VISTA tirada do norte para o sul, vendo-se no plano médio o Castelo de São Jorge, muito pormenorizado.

- Insc. — LISBONNE AVEC LE CASTEL ST. GEORGE PRISE DE LA CHAPELLE DE NOSSA SENHORA DA (sic) MONTE (na marg. inf. ao meio).
 Subs. — *C. G. Hammer sculp.* (na marg. inf. à dir.). *Se vend a'Dresde chez Erneste Arnold* (na marg. inf., ao meio).
 Dim. — 535 × 375 mm. de mancha.
 Proc. — Gravura a agua-tinta.

VISTA das ruínas do teatro da ópera, depois do terramoto. É cópia fiel mas reduzida da vista por Le Bas-Pedegache.

- Insc. — *Ruins of Lisbon after the Earth-Quake, on the 1.st Nov.br 1755* (na marg. inf., ao meio). *The Opera House* (no canto esq. da marg. inf.).
 Subs. — *Hen. Roberts sculp.* (por baixo da man. no canto dir.).
 Dim. — 213 × 157 mm. de man. 240 × 189 mm. de vin.
 Proc. — Gravura a agua-forte.

VISTA do Rossio, vendo-se o Palácio da Inquisição, a uma janela do qual está Junot. Ao fundo a Igreja de S. Domingos e o Castelo de S. Jorge. Tem 10 rubricas de referências dispostas em 2 colunas de 5 linhas, por baixo da inscrição.

- Insc. — *Vista da praça do Rossio na qual se representa a dezordem e terror dos Franceses no dia do Corpo de Deos no anno de 1808, os quaes tumultuosamente largarão as Armas e dezemparrarão a Artilheria pelo susto que o povo lhes cauzou e os boatos que corrião = chegarão os Inglezes* (na marg. inf.).
 Dim. — 335 × 215 mm. de vin.
 Proc. — Gravura.

VISTA do Rossio, vendo-se uma enorme bicha em forma de S que se desenvolve em todos os planos, de familiares do Santo Offício com pendão e cruces alçadas e os condenados, saindo do Palácio da Inquisição. Várias personagens assistem à passagem do cortejo.

- Insc. — *VUE DE LA GRANDE PROCESSION DE LO TO (sic) DA FÉ OU L'ON VOIT LES CRIMINELS JUGES PAR L'INQUISITION A LISBONNE* (na marg. inf.).

Subs. — *A Paris chez Mondhare rue de S. Jaques...* (na marg. inf. à dir.).
Dim. — 408×275 mm. de man.
Proc. — Gravura.

55

ESTAMPA de 2 manchas. A sup. representa o cortejo real no Terreiro do Paço por ocasião do casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com o Rei Carlos II de Inglaterra, passando por baixo dos arcos de triunfo erigidos em sua honra, vendo-se no 1.º plano a Família Real.

A mancha inf. representa o cortejo fluvial em frente dos Paços da Ribeira, vendo-se no 1.º plano os bergantins reais e outros barcos. À dir. estão as frotas portuguesa e inglesa; ao meio vários barcos no Tejo, e à esq., o Paço da Ribeira com a indicação: *Konigl Pallast*. Ao fundo vê-se o Castelo de São Jorge.

Uma filactera, entre as 2 manchas, tem 16 rubricas de referências.

Insc. — *Brachtiger durchzur der Konigin Catharina von Gross Britanicu so Geschehen in Lisabona des 20 April 1662.* (no cimo da estampa sup.) *Abbildung vie die Konigin Catharina vom Gross Britanien zuschiff vom Lisabona nacher Engeland verreist Anno 1662* (no cimo da estampa inf.).
Dim. — 390×315 mm.
Proc. — Gravura.

56

VISTA fantástica de Lisboa durante o terramoto de 1755, vendo-se casas a ruir por entre chamas e nuvens de fumo, enquanto os habitantes fogem para o interior. Ao fundo o mar encapelado avançando para a cidade.

Insc. — LISBONNE CAPITALE DE PORTUGAL DETRUIE PAR UN TREMBLEMENT DE TERRE LE 1^{er} NOVEMBRE 1755 (na marg. inf. à dir.).
Dim. — 443×195 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

57

VISTA de um trecho da Tapada da Ajuda, vendo-se no primeiro plano um carro de bois, um homem e uma mulher sentada, com uma criança. No último plano vê-se a Igreja da Memória e casario.

Insc. — PAIZAGEM TOMADA DENTRO DA TAPADA D'AJUDA (na marg. inf.).
Subs. — *Patricio Desenhou e Gravou* (na marg. inf. à esq.). *Silencio Est. na Acad. das B. Artes de Lx.* (idem, à dir.).
Dim. — 218 × 158 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

52

VISTA dum trecho da cidade, tirada do rio, compreendendo a margem desde o Terreiro do Paço ao actual Cais do Sodré. No rio vêem-se vários barcos e, num deles, algumas pessoas dançando.

Insc. — VUE DU PORT DE LISBONNE. *Prise du milieu du Port entre la Montagne St.^e Catherine et le Village d'Almada, à bord du Vaisseau de Guerre le St. Sebastien. Dédiée à son Altesse Monseigneur Dom Jean-Charles de Bragança, Oncle de Sa Magesté très fidèle, la Reine de Portugal, Duc d'Alafoens & & Commandeur de l'Ordre de Christ, Général immediat à Sa Magesté Gouverneur en chef des forts et Chateaux de la Province d'Estremadura, President du Conseil de Guerre, et de l'Academie Royale des Sciences de Lisbonne & &. (na marg. inf.).*

Subs. — *Peint par Noel (na marg. inf., à esq.). A Paris chez Noel rue Neuve des Petits Champs Mon. de Mr. le Roche Notaire. Allix graveur au haut de la rue des Fosses M. le Prince Mon. du Piseleur en face de l'Image S. Louis (na marg. inf., à esq., junto ao vinco). Par son très humble serviteur Noel, Dessinateur de l'Acad. R.^{1e} des sciences de Paris (na marg. inf. à dir., junto ao vinco).*

Dim. — 775 × 555 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

VISTA do Terreiro do Paço durante uma tourada, vendo-se o Palácio Real e várias bancadas com espectadores.

Na marg. inf. à dir., tem o número: 157.

Na parte inf. da mancha, à esq., tem: *la Place Royal*, e à dir.: *le Palais Royal*.

Insc. — FETE DES TOUREAUX Á LISBONNE (na parte inf. da man., dentro duma cartela rectangular).

Dim. — 167 × 131 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

VISTA do Terreiro do Paço mostrando a ala ocidental e um chariz no centro da praça.

Insc. — PORTUGAL (na marg. sup., ao meio). PALAIS ROYALE DE LISBONNE (na marg. inf., ao meio).

Subs. — *Lemaitre direxit* (na marg. inf., ao meio, rente à man.).

Dim. — 157 × 90 mm. de man.

Proc. — Gravura.

VISTA tirada do rio, vendo-se destacado o Paço da Ribeira.

Insc. — A VIEW OF THE PALACE OF THE KING OF PORTUGAL AT LISBON.
(na marg. inf., à esq. e o mesmo, à dir., em francês).
Subs. — *Publish'd according to act of Parliament April 1752.* (na marg.
inf., ao meio).
Dim. — 395 × 250 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

VISTA parcial tirada do rio, vendo-se o Paço da Ribeira e a parte da cidade à sua volta. Tem na parte sup. uma planta dos arredores da cidade com: *Carte des Environs de Lisbonne de la Bouche du Tage — Levé sur les Lieux par un Ingenieur — A Paris Chez le Sr. le Rouge Ing.^r Géographe du Roi rue des Augustins, 1756.*

No ângulo sup. à esq., tem o mapa de *Portugal*; por baixo *Reveries du Sr. le Rouge*, com uma legenda de 6 linhas; à dir. a planta de *Estremós et Villa Viciosa Villes de Portugal*.

Na marg. sup. tem: Planche II.^e

Insc. — VUE DU CHATEAU DE LISBONNE (na parte sup. da man., no ângulo inf.).
Avant d'être réduit en morceaux de pierres par le tremblement du 1^{er} Novembre 1755. ce qui n'est pas tombé a été démolí acoups de Canon le 4. (por baixo do antecedente).
Dim. — 660 × 484 mm.
Proc. — Gravura.

VISTA perspectiva do Terreiro do Paço, onde vários personagens passeiam. É tirada do rio, vendo-se à dir., duas caravelas em construção.

Insc. — VUE PERSPECTIVE DE LA GRANDE PLACE DE LISBONNE (na marg. inf.).
Subs. — *Nouvellement batie sur les Desseins de François Marcá (a seguir à insc.).*
Dim. — 425 × 280 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

VISTA dos Paços da Ribeira e seu Terreiro, onde estão cinco seges, entre duas alas de povo. No cais estão peças de artilharia e no rio, donde foi tirada a vista, estão vários barcos.

Insc. — VUE DE LA PLACE DU PALAIS A LISBONNE (na marg. inf., à dir.
O mesmo em latim, à esq.).
Dim. — 410 × 287 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

65

VISTA do Palácio da Ribeira e de um trecho da cidade, tirada do rio. Por baixo da insc. francesa tem: *Med. Fol.º N.º 69.*

Por baixo da insc. espanhola tem outra em francês e à dir. o mesmo em latim e por baixo em alemão.

Insc. — VISTA Y PROSPECTTIVA DEL PALACIO DEL REY DE PORTUGAL EN LISBONNA *por mar* (na marg. inf., à esq.).
Subs. — *J. J. Stelzer sc.* (na marg. inf., à esq.). *Cum Gratia et Privilegio Sac. Caes. Majestatis Geor. Balthasar Probst, excud A. V.* (idem, à dir.).
Dim. — 433 × 320 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

66

VISTA dos Paços da Ribeira, tirada do rio, onde navegam vários barcos. Na marg. inf., à dir., tem: *142.*

Insc. — VUE DU PALAIS ROYAL DE LISBONNE (Dentro duma cartela, na parte inf. da mancha).
Dim. — 167 × 131 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

67

VISTA do Terreiro do Paço, tirada do rio, vendo-se o Cais das Colunas, a estátua equestre e muitos populares na praça.

Insc. — PRAÇA DO COMMERCIO DA CIDADE DE LISBOA (na marg. inf.).
Dim. — 850 × 485 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

68

VISTA panorâmica, vendo-se, no último plano, o Aqueduto das Águas Livres. No primeiro plano estão várias casas e um rio com uma ponte.

Subs. — *Silencio grav. a agua forte*, (na marg. inf., à esq.).
Dim. — 157 × 115 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

55

VISTA do aqueduto, no sítio de Campolide, vendo-se no primeiro plano, à esq., um grupo de homens e mulheres, sentados no chão, comendo e bebendo, e uma mulher dançando ao som duma guitarra. Ao meio, uma ponte sobre uma ribeira, onde várias mulheres lavam roupa, e ao fundo os arcos do aqueduto.

Na marg. inf., à dir., tem um petipé de 300 palmos e 8 polegadas. A todo o comprimento está a planta dos arcos, e ao meio um brasão de armas com a divisa: *Tria Juncta in Uno*.

Tem uma legenda de duas linhas a todo o comprimento da estampa.

Insc. — VIEW AND PLAN OF THE GREAT AQUEDUCT OF LISBON (na marg. inf.). Segue-se uma dedicatória de Henry L'Eveque a John, Earl St. Vincent.

Subs. — *H. L'Eveque del.* (na marg. inf., à esq.). *By Joseph Therese Michelotti, Major of Engineer's* (idem, por baixo de legenda). *B. Comte Sculs.* (idem, à dir.). *London Published Febr. 25th. 1809 by H. L'Eveque.* (Idem, por baixo da legenda).

Dim. — 732 × 434 mm.

Proc. — Gravura.

VISTA tirada do norte, vendo-se o Aqueduto das Águas Livres, em Campolide. No primeiro plano, à dir., está um moinho e junto dele três homens conversam com dois soldados montados. No último plano vê-se o rio Tejo, no qual navegam três barcos.

Insc. — LISBON & AQUEDUCT OF ALCANTARA (na marg. inf.).

Subs. — *Revd. Mr. Bradford del.* (na marg. inf., à esq.) *London, Published by J. Booth, Duke Street Portland Place April 14, 1809.* (Ao meio, por baixo da insc.). *J. Clark Sculp.* (na marg. inf., à dir.).

Dim. — 375 × 273 de vin.

Proc. — Gravura.

VISTA panorâmica, vendo-se no último plano o aqueduto. No primeiro plano estão três figuras junto à margem duma ribeira.

Insc. — VUE DES ENVIRONS DE LISBONNE ET DU GRAND AQUEDUCT, TRAVERSANT LE RIVIERE D'ALCANTARA (na marg. inf., ao meio).

Subs. — *Noël pinx.* (na marg. inf., à esq.). *J. Mathieu sculp.* (na marg. inf., à dir.).

Dim. — 367 × 288 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

- Insc. — PERSPECTIVA DOS NOVOS ARCOS D'AGUA QUE A TRAVESSAM (sic) O VAL DE ALCANTARA. *Altura do mayor arco he 332 palmos & largura he 200 palmos* (na marg. inf., à dir.). A PROSPECT OF THE NEW AQUEDUCT OF LISBON AS CROSSING OVER THE VALLEY OF ALCANTARA *on stone arches, the largest of which is 47 feet higher than the monument in London* (na marg. inf., à esq.).
- Subs. — *R. Black delin.* (na marg. inf., à esq.). *T. Bowles sculp.* (na marg. inf., à dir.). *London printed for Robt. Wilkinson, 58 Cornhill.* (na marg. inf., ao meio).
- Dim. — 401 × 225 mm. de mancha.
- Proc. — Gravura.

VISTA panorâmica de Lisboa, vendo-se o aqueduto das Águas Livres.

- Insc. — AQUEDUCT OF ALCANTARA (na marg. inf.). *Aqueduct d'Alcantara* (na marg. sup.).
- Subs. — *London. Published by J. Booth, Duke Street Portland Palace Sept. 25 — 1809* (na marg. inf., ao meio). *I. Clark sculp.* (idem, à dir.).
- Dim. — 355 × 280 mm. de vin.
- Proc. — Gravura.

VISTA do Mosteiro dos Jerónimos tirada do rio. Na marg. sup., à dir., tem: *Fig. CXXIX.*

- Insc. — BELEM. (Na parte sup. da man., dentro duma filacteria). *Die Grabmähter der Portugesischen Konige.* (Na marg. sup.).
- Dim. — 108 × 160 mm. de vin.
- Proc. — Gravura.

VISTA da Torre de Belém, tirada de montante. No rio navegam vários barcos, entre os quais uma moleta com a vela arreada. No canto esq. vêem-se pescadores, num pequeno barco recolhendo uma rede para terra, onde um homem com capa assiste ao trabalho, tendo a seu lado uma criança. No chão está um mastro.

- Insc. — *Belem Castle. Lisbon* (na marg. inf., ao meio).
- Subs. — *Drawn by Stanfield* (rente à mancha, no canto inf. esq.). *Engraved by E. Finden* (idem, idem, à dir.). *London. Published Jan. 1, 1832 by J. Murray and sold by C. Tilt 86 Fleet Street.*
- Dim. — EFF FC mm. de man.
- Proc. — Gravura.

(Continua)

FEIRA DA LADRA

A ELEGÂNCIA DE LISBOA

NA Revista BORGHÊSE, que se publica em Milão, e no seu número 10, de Maio deste ano, na secção «Diário Ibérico», vem publicada uma nota, com o título Eleganza Lisbonese, que é como um piropo dito à capital dos portugueses. Pondo em relevo as suas características fisionómicas, as fachadas coloridas, o atapetado dos passeios, a pedra negra e branca, a sinfonia fresca e jovial dos azulejos, o anotador da elegância alfacinha, imaginando que ela tem um rococó vagamente colonial (?), faz o elogio das suas feições, que dispensam os «arranha-céus», e explica, ou tenta explicar, este seu fácies particularíssimo de elegância, por uma capacidade de espírito conservador.

Como o cumprimento é gentil, não há senão que agradecer-lo, e arquivá-lo aqui, para conhecimento dos Amigos de Lisboa.

ALEXANDRE REY COLAÇO

CONSTA que a casa onde viveu Rey Colaço e que conserva ainda, no seu interior o ambiente que envolveu o grande artista que ele foi, respeitado pelos que ficaram guardando o seu nome, está condenada a desaparecer. Na Imprensa foi o assunto ventilado e defendida a conservação do imóvel, e já este Boletim, pela pena do sócio sr. Manuel Chaves Cami-

nha, tinha esboçado a ideia. Será realmente essencial a demolição do edificio? Não sabemos; mas, se o for, é de lamentar o desaparecimento. As casas onde viveram as grandes figuras de Lisboa, nas letras, nas artes, nas ciências, merecem um respeito que quase exige uma legislação particular.

VELHARIAS DO BAIRRO ALTO

O Amigo de Lisboa que por curiosidade ou por motivo de investigação alfacinha se desloque a este «Antiquo arrabalde da Cidade» (no dizer de eruditos cronistas de Lisboa), não perde o seu tempo subindo a antiga Rua dos Calafates (actual Rua do Diário de Notícias) e, assim, vai apreciando o pitoresco de algumas travessas que ainda mantêm nos cunhais os seus velhos nomes: das Salgadeiras, da Espera, dos Fiéis de Deus, do Poço da Cidade, da Queimada, até que chega à Travessa do Guarda-Mor, que foi noutros tempos do «Relógio de S. Roque» e ainda, durante alguns anos, Rua do Grémio Lusitano.

Neste local se encontram, uma curiosidade e uma «velharia». Esta consiste no muito antigo edificio do Colégio Real dos Catecúmenos, convertido (desde 1834) em «Asylo dos Calafates», conforme se lê na legenda do seu portão de ferro, sendo este o único padrão que afirma a primitiva nomenclatura de tal arruamento.

Neste imóvel é digno de apreciar-se o portal de entrada para o pátio, com seu raro escudo de pedra (que o encima) tendo gravadas a preto as cinco tradicionais quinas portuguesas, sobrepujadas por uma bem trabalhada coroa real. Logo abaixo, no arco da cimalha de pedra, se encontra gravada a elucidativa inscrição:

ESTE COLEGIO ORDENOU SUA
MAGESTADE PARA NELE SEREM INS-
TRUIDOS OS CATHECVMENOS Q SE
VEM CONVERTER Á N. S. FFE CAT.

Fronteiro a esta reliquia do Bairro, se nota (no 134) a curiosidade de um estreito portal (de volta abatida) simples, mas que, uma vez transposto, nos incita a subir lentamente os degraus de uma íngreme escada de pedra, a fim de apreciar uns antigos mas bem conservados silhares de azulejos, representando «brigas e correrias» entre jovens cavaleiros portugueses.

No topo da escadaria vê-se uma bem lançada figura de azulejos reproduzindo um fidalgo do século XVIII, ostentando enorme cabeleira descoberta, exagerado laçarote, tricórnio suspenso na mão direita, espadim colocado em larga facha e respectiva bengala da época. Os moradores do local tinham a crença de que esta figura decorativa era a «efígie» do 1.º Marquês de Pombal; e nesses tempos, as Mães, para amedrontarem os filhos, ao passarem por este curioso «pórtico», apontavam-lhes a dita figura, ameaçando: «Quando não tiveres juízo, fica sabendo, chamo o Cabeleira para entrares na ordem». — Era o cognome que davam, na sua mocidade, ao rijo estadista Sebastião José de Carvalho e Melo, nascido neste velho burgo, donde era assíduo frequentador, enquanto foi com-

ponente do bando «Os Capotes Brancos», grupo que habitualmente se reunia numa estalagem ainda existente na Rua da Rosa (próximo do Cunhal das Bolas) e nessa época denominada «Rosa das Partilhas».

Nunca é demais recontar os casos e as memórias que vêm doutros tempos.

Teodoro Lopes Ramos

AINDA O BAIRRO ALTO

NUMA miscelânea de manuscritos do século XVIII, que constituía o códice 2.255 do catálogo da Colecção «Condição de Ameal», incluía-se uma «Lamentação Saudosa chorada nas trevas da Ausência pelos Jeremias da Distância», e nesta lamentação dizia-se assim:

«Adeus Bairro Alto, trono das Deydades onde as Filis se mensão com o uzual alinhado da bandarrice, sendo Parnaso amoroso; onde as Venus e Dianias metem Pallas às mais estrandozas belezas. Ai Bairro Alto, Bairro Alto, quem te conhece que te compre. Mas tu já estás vendido porque a todos trazes vendados; e p^a estas vendas e aquelas compras, lá tens a Rua das Partilhas, para melhor te ajustar as contas. Tens a Rua do Trombeta por onde a fama as tuas proezas publica. Tens a Rua das Flores, onde as fragancias das tuas bizarrias respiram aromas amorosos. Tens a do Sol que como monarcha das Luzes reparte contigo resplandores. Tens a do Norte onde se vê se elle corre direito. Tens a das Gaveas onde o gageyro do Apetite ferra o velame do Desejo. Tens tambem a Rua Formosa onde os teos alinhos são enfeites do melhor adorno, e finalmente tens a Bica, por onde a Cabalina destila es crystais d'alma, p^a que sejam o alívio de tristes e consolação de queixosos».

«LISBOETAS»

ASSIM se intitula um folhetim de Alberto Pimentel, publicado não sei em que jornal e que casualmente encontrei dentro de um livro da autoria deste escritor, que meu falecido Pai possuía e que achei interessante transcrever para a secção Feira da Ladra. Bom é dizer-se que o insigne prosador era português.

«O lisboeta é, em globo, mais astuto do que inteligente, mais sabido do que sabedor.

Mas tem qualidades de apresentação e de trato social que o recomendam. Veste com simplicidade e elegância, um pouco à parisiense, porque Lisboa quer ser tão francesa quanto o Porto quer ser inglês. Nas salas não se acobarda nem requinta e na frivolidade mundana que se chama — cumprimentos — nenhum português o excede.

D. Francisco Manuel de Melo, que conhecia bem a sua terra, notou, com verdade, esta prenda amável dos lisboetas:

Um falar com tanto jeito,
Um ditinho de repente
Que afelçoa;
Um ter em tudo respeito,
Ai! mate-me Deus com a gente
De Lisboa.

Quanto à honra que se fazem uns aos outros, na vida de relação, o carácter dos alfacinhas não tem sofrido quebra:

E de Lisboa se soa
Que todos lá são honrados
E de pessoa a pessoa
Se falam desbarretados.

A lisboeta veste, ordinariamente, com distinção; não tanto como a parisiense, a quem Vitor Hugo reconheceu na toilette uma graça volátil; mas conhece-se à légua, em toda a parte.

Em geral, é meiga e gentil, tem o olhar quente, os cabelos pretos, o passo ritmado e a voz cantante.

Camões escreveu a seu respeito:

«Ora julgai, Senhor, o que sentirá um estômago costumado a resistir às falsidades de um rostinho de tauxia de uma dama lisbonense, que chia como um pucarinho novo com água, vendo-se, agora, entre esta carne de salé, que nenhum amor dá de si».

Não é preciso mais para imaginar uma lisboeta, quem nunca a viu nem a ouviu. A palavra tauxia (no árabe atauxia) quer dizer pintura. A lisboeta, quase sempre pálida, começou a pintar-se há alguns séculos, porque já Garcia de Resende alude, na Miscelanea, ao uso dos cosméticos.

Quanto à voz chiante das alfacinhas, é, certamente, um atractivo nas classes média e superior, mas repelente, por exagerado, nas classes baixas.

O gentio da capital, além de musicar excessivamente as palavras, estropia-as na pronunciação; é ele quem diz cravão, áuga, menza, Rociu; abre demasiadamente as vogais e substitui o e final por i: hópital, Bernárdim, moiti, trasti.

No tocante ao gosto do lisboeta pela rua e à sua mordacidade

nos mentideros, são vícios antigos, já observados por vários escritores; seja um deles o mesmo Garcia de Resende:

Vimos muitos ociosos,
Sem querer nada fazer,
Deixar o tempo perder,
E dos bons e virtuosos
Não lhes minguar que dizer
Pelas praças, pelas ruas,
Sem verem as vidas suas,
Andam vagamundeando,
O tempo mui mal gastando,
E as mãos e línguas cruas.

.....
.....
Sem embargo, os alfacinhas,
sempre mais espertos que inteligentes,
não se atrevem a patear Wagner,
conquanto o não entendam.

Alberto Pimentel».

Afigura-se-me que não andei muito mal em trasladar para aqui esta opinião, a respeito dos meus conterrâneos, do magnífico escritor — que, como se sabe, foi um dilecto discípulo de Camilo — e que, decerto, é pouco conhecida.

Henrique Marques Júnior

«PORTUGALIZERS»

NO Século XVII contrafaziam-se em três cidades da Holanda, Zwolle, Middelburgo e Gorinchem moedas de outros países, as quais eram destinadas à exportação.

Assim, os Burgomestres e Vereadores da minha cidade natal, Zwolle, deram ao director da Casa da Moeda licença para cunhar Portugalizers, sem estipulação de peso ou de quilate, como consta da Resolução de 18 de Fevereiro de 1641.

Estes Portugalizers eram moedas de ouro, hoje desaparecidas. Existe (ou pelo menos existiu) um único exemplar, a saber na Biblioteca Real na Haia. Obtive em 1919 licença de mandar cunhar a cópia em gesso que naquele ano ofereci, emoldurada, à Sociedade de Geografia de Lisboa. Curioso é que, uns anos depois, visitei a Biblioteca Nacional em Lisboa, tendo por cicerone amável e ilustre o Director Sr. Costa Veiga, que me mostrou um modelo em chumbo de uma moeda desconhecida. Verifiquei logo que era o de um Portugalizer de Zwolle e dei ao Director as explicações que me pareciam precisas.

O Portugalizer (veja-se a cópia na Sociedade de Geografia) servia provavelmente para efectuar pagamentos nas Índias neerlandesas, onde os indígenas conheciam só o dinheiro português, de maneira que os Holandeses fabricavam moedas que, mais ou menos, se pareciam com as de Portugal. Eis a descrição do Portugalizer: No anverso (em dois círculos concêntricos) Ad: VALOREM: EMANVEL: Reg. Portugal. — Moneta. Avrea. Civitat. SWOL. Ao meio, o escudo português, encimado pela coroa e, dentro do escudo, em lugar dos castelos, o patrono da cidade de Zwolle, o arcanjo S. Miguel com o dragão debaixo dos pés. De cada lado do escudo, dois pequenos pontos e dois pequenos círculos.

No reverso: Na orla, o dístico: In: Christo: Crucifixo: Nostra: Sal.

No meio encontra-se a cruz de Cristo.

J. Voetelink

NOTA — A pág. 305 da obra «Da Numismática em Portugal» — Lx.º 1933 — o Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos transcreve da obra de O. C. Gaedecken referências a «Portugaleser» imi-

tados dos «cruzados novos» de D. João III e de D. Sebastião, cunhados em Hamburgo e existentes no respectivo Museu.

Na «Cartilha de Numismática» o Dr. P. Batalha Reis refere também a existência dessas espécies imitando os «portugueses» de D. Manuel I cunhados em várias cidades da Alemanha.

Acrescenta agora o nosso prezado consócio Sr. J. Voetelink os das cidades holandesas que cita e refere até a existência em Portugal de decalques das mesmas.

É de notar, pois, o grande interesse deste «Amigo de Lisboa», que o é também de Por-

tugal e que confirma e amplia o interesse e projecção mundial da moeda portuguesa no estrangeiro desde remotas eras.

Como «Amigo de Lisboa», português e numismata, regozijo-me com o facto e cumprimento o ilustre confrade, na sua primeira colaboração no nosso Boletim, tanto mais que, como Secretário Geral do Grupo e Presidente da Comissão de Numismática da douta Associação dos Arqueólogos Portugueses, me cumpria fazê-lo, pela sua interessante e valiosa contribuição.

E. N.



ACÇÃO CULTURAL

DO

GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

DURANTE O ANO DE 1952

VISITAS DE ESTUDO

- 20 de Janeiro — Ao *Museu Nacional de Arte Antiga*, dirigida pelo sr. Dr. João Couto.
- 10 de Fevereiro — Ao *Museu Arqueológico do Carmo*, dirigida pelo sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.
- 23 de Março — Ao *Lisboa Ginásio Clube*, dirigida pelo sr. Armando de Freitas.
- 6 e 20 de Abril — Ao *edifício do Governo Militar de Lisboa*, antigo *Palácio Vialva*, dirigida pelo capitão do Estado Maior sr. Moreira da Câmara.
- 9 de Maio — Ao paquete *Vera Cruz*.
- 11 de Maio — À *Tapada das Necessidades*, dirigida pelo sr. eng. D. Segismundo do Carmo da Câmara Saldanha.
- 25 de Maio — Ao antigo *Convento das Carmelitas Descalças*, em Carnide, hoje asilo de velhinhas, dirigida pelo sr. Dr. Luís Chaves Lopes.
- 22 de Junho — À *Obra das Crianças da Freguesia da Lapa*, dirigida pelo Rev.º Cônego Campos.
- 20 de Julho — À vila de Mafra — Palácio, Biblioteca, Igreja, Escola Prática de Infantaria e Tapada, dirigidas, respectivamente, pelos srs. Aires de Carvalho, Coronel Nascimento e eng. D. Segismundo da Câmara Saldanha.
- 27 de Julho — À *Igreja do Coleginho*, e *Edifício do Amparo*, na Mouraria, dirigidas pelo sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.
- 9 de Novembro — À *Quinta do Correio-Mor* e *Igreja Paroquial de Loures*, dirigidas, respectivamente, pelos srs. Godofredo Ferreira e pároco de Loures, sr. Padre Antero Marques.
- 14 de Dezembro — À *Escola Profissional de Pesca*, dirigida pelo sr. Comandante Valente de Araújo.

CONFERÊNCIAS

- 24 de Janeiro — *O Salitre e suas imediações*, pelo sr. Mário Costa.
- 7, 14, 21 e 28 de Fevereiro — *O Pitoresco de Lisboa — Boatos*, pelo sr. Acúrcio Pereira; *Calões — Gíria popular*, pelo sr. Alfredo Lopes; *Figuras populares de Lisboa*, pelo sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves; *Anedotas de Teatro*, pelo sr. Erico Braga; *Feiras e romarias*, pelo sr. Dr. Francisco Câncio; *Ve-*

lhos Teatros de Lisboa desaparecidos, pelo sr. Gustavo de Matos Sequeira; *Procissões e culto em Lisboa*, pela Sr.^a D. Julieta Ferrão; *Tradições de Lisboa*, pelo sr. Dr. Luís Chaves Lopes; *A Graça de Lisboa*, pelo sr. Dr. Luís d'Oliveira Guimarães; *Bailes e bailaricos*, pelo sr. Mário de Sampaio Ribeiro; *Os arcos de Lisboa e a sua nostalgia*, pelo sr. Norberto de Araújo; *Entrudo de outros tempos*, pelo sr. Dr. Pauto Cantos.

O discurso inaugural desta série de palestras foi feito pelo membro da Junta Directiva, sr. Pereira Coelho e o discurso de encerramento pelo Presidente da Junta Directiva, sr. Prof. Dr. Celestino da Costa.

- 24 de Abril — *A Estética Histórico-Marítima da cidade de Lisboa*, pelo sr. Comandante Jaime do Inso.
- 14 de Junho — *Lisboa barroca e os seus architectos*, pelo sr. Prof. Armando de Lucena.
- 29 e 30 de Novembro — Sobre a construção da *Ponte de Vila Franca*, pelo sr. eng. Carlos Couvreur, com passagem dum filme, cedido gentilmente pela Direcção Geral de Serviço de Pontes, do Ministério das Obras Públicas.

PASSEIO NO TEJO

- 6 de Julho — *Passeio no Tejo* — Lisboa-Vila Franca — Barra — Lisboa — com palestras pelo sr. Matos Sequeira sobre *O Tejo*; Dr. Eduardo Neves: *Dos Olivais ao Caminho de Ferro*, e a colaboração dos srs. Pereira, Coelho e Erico Braga.

EXPOSIÇÕES

- 30 de Abril a 1 de Maio — *Exposição dos primeiros números de jornais lisiponenses*, da colecção do sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.
- 17 a 31 de Maio — *Exposição de fotografias de Registos de Azulejos de Lisboa*, da colecção do sr. Eng. Amílcar de Melo.
- 7 a 15 de Junho — *Exposição de fotografias antigas de Lisboa até 1870*, da colecção do sr. Eduardo Portugal.
- 25 de Outubro a 3 de Novembro — *Exposição de desenhos e gravuras a ponta seca*, do sr. Luís Trindade.
- 6 a 21 de Dezembro — *Exposição de fotografias 1.º Salão Fotográfico «Amigos de Lisboa»*.

SESSÕES DE CINEMATOGRAFIA

- 20 e 21 de Dezembro — Filmes sobre a visita do Grupo, a Évora e sessão nas Belas Artes e fotos a cores oferecidas pelo sr. Albert Schmidt e Pathé Baby e Portugal, Lda., com a colaboração dos srs. Celestino Teixeira e Armando de Oliveira Mendes.

A T E N Ç A O

A OURIVESARIA **Miguel A. Fraga, L.^{da}** R. da Palma, 26-28

Participa aos seus amigos e clientes que já se encontra nas novas instalações, no

PAVILHAO DOS OURIVES

(Largo Martim Moniz, 18)

Onde continua a vender OURO, PRATA, E JÓIAS a baixos preços.

Telefone 2 8503

PORTO DE LISBOA

(Administração Geral)

AREAS — Molhada 11.150 hectares; terrestre utilizável 2.000 Ha. sendo 10 Ha de área coberta.

VIAS FÉRREAS — Superior a 50 km. de comprimento ligadas à rede ferroviária do País.

CAIS ACOSTAVEIS — Comprimento total de cerca de 13 km.

DOCAS SECAS — Cinco de comprimento entre 42 e 180 metros.

DOCAS DE ABRIGO — Sete, com 45 Ha de área molhada total.

CARREIRAS DE CONSTRUÇÃO — Três, respectivamente com 87, 120 e 150 metros de comprimento.

OFICINAS DE CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO NAVAL — Amplas e convenientemente aparelhadas.

GUINDASTES — Hidráulicos, a vapor e eléctricos, terrestres e flutuantes, cuja potência elevatória varia de 1 500 kg. a 100 000 kg.

MATERIAL MARÍTIMO — Rebocadores, dragas, barcas de água e batelões diversos, cilindros impulsores, etc.

WARRANTS — Faculdade de emitir warrants, nos termos do Código Comercial.

ADMINISTRAÇÃO GERAL DO PORTO DE LISBOA

CAIS DO SOBRE Telef. 25001/3 e 25655/6 Endereço Telegráfico PORTISBOA

CRISTÁLIA DE ARTE

DE

João Barreira, Alves & Damas L^{da}

Oficina de : Biselagem-Espelhagem-Gravura-Foscagem — Colocação de vidros em montras e obras em Lisboa e Provincia

Discos para candeeiros ♦ Vitrais para jazigos ♦ Interruptores ♦ Para-briza ♦ Portas de automóveis ♦ Molduras ♦ Espelhos ♦ Vidraça ♦ Vidro pulido Nacional e Estrangeiro

Largo da Graça, 26 e Av. Marquês de Tomar, 51-55, Telet. 8 49837-LISBOA

ARMAZENS DA BETESGA L. DA

Telefone 21898

15, Praça da Figueira, 15 - A

Armazém de fazendas por atacado e a retalho
Grandioso sortido em fanqueiro,
lãs para vestidos, sedas e atalhados.
Completo sortido em camisaria e gravataria.
Cortinados, Brizes e Cassas para cortinas

**Ganhar pouco para vender muito
é a nossa divisa**



Camilo Castelo Branco

O mais apreciado e o mais português
de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras
em 80 volumes

Conheça, Leia, Aprecie Divulgue

CAMILO

EDIÇÕES DA

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

RUA AUGUSTA, 44 a 54

Telef. 31730 End. telegr. PARCEPEREIRA

Secções de Tipografia, Encaderna-
ção e Pautação. Trabalhos simples
e de luxo

PAPELARIA CAMÕES

DE

AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO,
LIMITADA

Pincéis, telas e tintas de óleo, para
aguarela, desenho e guaches das
marcas: Lefranc, Windsor, Pelikan
e Schmincke



42 — Praça Luís de Camões — 43
Telef. 23063 — LISBOA

Sapataria & OS LEÕES DE S. PAULO

A casa melhor sortida, em todas as qualidades
de calçado popular e de luxo

A preços excepcionais & Descontos a revendedores

38, Rua de S. Paulo, 40

Telefone, 23443

LISBOA



Domingos de Lisboa

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

(RUA DAS JANELAS VERDES)

NUNCA se dê por mal empregado o tempo que se passa a admirar uma obra de Arte.

O nosso primeiro Museu (fundado em 1884) guarda, no ambiente acolhedor, luminoso e sereno das suas salas, obras raríssimas de pintura, ourivesaria, cerâmica, tapeçaria, etc., dos melhores Mestres e das melhores Escolas. O «Políptico» de Nuno Gonçalves, o «S. Jerónimo» de Dürer, a «Tentação de Santo Antão» de Hieronymus Bosch, a «Custódia de Belém» de Gil Vicente, são obras primas dignas dos mais categorizados museus do Mundo.

O próprio palácio onde o Museu se encontra instalado, que foi pertença do Conde de Alvor e mais tarde do Marquês de Pombal (sem esquecermos a parte nova edificada pelos Arquitectos Rebelo de Andrade), é uma construção da 2.^a metade do sec. XVII, digna de ser contemplada e admirada.

PATENTE AO PÚBLICO TODOS OS DIAS, EXCEPTO ÀS SEGUNDAS-
-FEIRAS E DIAS DE FERIADO NACIONAL, DAS 11 ÀS 17 HORAS.
ENTRADA GRATUITA AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS.
NOS OUTROS DIAS: 2\$50.

PASSAM JUNTO DESTE MUSEU:

ELÉCTRICOS DAS CARREIRAS 18 - 18B - 19



E. Pinto Basto & C.^a L.^{da}

LISBOA

**TRANSPORTES MARÍTIMOS
E AÉREOS**

CARVÃO

SEGUROS

**REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)**

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS, ETC. ETC.

no PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.^a, L.^{da}

FÁBRICA DE LOIÇA DE SACAVÉM, L.^{da}

TEL. P.B.X. FAIANÇAS TELEG.
2 4958 DE LOIÇA
2 3902 FANTASIA LISBOA

**E DE USO DOMÉSTICO
LOIÇA SANITÁRIA E
DE GRÉS CERÁMICO
AZULEJOS-MOSAICOS**

A MAIS PERFEITA FABRICAÇÃO

LISBOA

AV. DA LIBERDADE, 49 / 57

PORTO
R. CARMELITAS, 40
Tel. 22 033

COIMBRA
R. DR. RODRIGUES, 13
Tel. 3546

Armando Martins Leitão

Compra e Vende

Desperdícios de algodão e trapos para limpeza
de máquinas, papéis velhos, sucatas, etc.

Rua Cozinha Económica, 9-A Telef. 38247 LISBOA

Pedro d'Oliveira Telhado & C.^a



Rua dos Fanqueiros, 81 - 2.º

LISBOA

Telef. 25931 Teleg. Knoblock



Exportadores de Tecidos para as Colónias

Fornecedores das Entidades Oficiais

MÉTODO CALIGRÁFICO

por PINTO DE MESQUITA, professor jubilado

Acaba de sair a 7.ª edição O mais completo de todos os métodos. Um volume com 110 modelos, 17\$50. Do mesmo autor: **Cadernos com Pautas Caligráficas**, adaptadas ao método, riscado especial para **Letra Inglesa — Cursivo, Cursivinho, Bastardo — Bastardinho** — cada 3\$00. **Resumo de Taquigrafia Commercial**. 2.ª edição, com mapas geométricos representativos da formação dos signos (letras e sons), 10\$00. **Premiados com as medalhas de prata e bronze nas Exposições do Rio de Janeiro, 1908-1922.** Pedidos à

LIVRARIA ALBANO DE SOUSA & BARBOSA, L.^{DA}
Largo Martin Moniz, 2.º Pavilhão (Ourivesarias) Loja n.º 2-Telef. 31456-LISBOA

Bertrand (Irmãos), L.^{da}

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA



FOTÓLITO
DESENHO

T. Condessa do Rio, 27 — Telef. 2 1368 2 1227

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África

SEDE

RUA DO COMÉRCIO, 85
LISBOA

SUCURSAL

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 73
PORTO

*Serviço rápido de passageiros para a África Ocidental e África Oriental,
Brasil e América do Norte*

FROTA DA C. N. N.

«Moçambique»	18.220 Ton.	«Sofala»	18.520 Ton.
«Angola»	18.250 >	«Moçâmedes»	12.990 >
«Quanza»	11.550 >	«Rovuma»	12.990 >
«Luabo»	3.030 >	«S. Thomé»	12.550 >
«Zambézia»	3.538 >	«Nacala»	5.130 >
«Lúrio»	3.538 >	«Tagus»	2.320 >
«Índia»	11.400 >	«Angoche»	1.950 >
«Timor»	11.400 >	Em construção	
«Save»	2.680 >	«Niassa»	10.000 Ton. D. W.

AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO

TODOS OS PRODUTOS DA

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

SUPERIOR, FRANCÊS, VIRGINIA, HOLANDÊS, TIP-TOP, VIC,
AVIZ, PROVISÓRIOS, TAGUS, LISBOAS, SPORTING, ETC., ETC.

são fabricados com ramas escolhidas, pelos processos mais modernos,
para bem servir os fumadores

ELECTROLUX

A marca mundial



FRIGORÍFICOS
ASPIRADORES-ENCERADORAS
MÁQUINAS DE COZINHA
MÁQUINAS PARA LAVANDARIAS

LISBOA

SEDE E EXPOSIÇÃO

R. Pascoal de Melo, 7

Telefs.: 48378 / 50516 / 54130

EXPOSIÇÃO

Av. da Liberdade, 141, 1.º

Telefs.: 28246 / 32901

CHÁ CELESTE



Sociedade Geral

de

Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Carga e expediente: Rua do Comércio, 39 Telefone: 30551

FRUTA

n/m ÁFRICA OCIDENTAL	1.560 T.	n/m CARTAXO	1.376 T.
n/m ALCOBAÇA	9.588 T.	n/m COLARES	1.376 ⁰⁰ T.
n/v ALCOUTIM	10.526 T.	n/m CONCEIÇÃO MARIA	2.974 T.
n/m ALENQUER	6.588 T.	n/m CORUCHE	1.376 T.
n/m ALEXANDRE SILVA	3.215 T.	n/v COSTEIRO	900 T.
n/m ALFREDO DA SILVA	3.643 T.	n/m COSTEIRO TERCEIRO	1.426 T.
n/v ALFERRAREDE	2.118 T.	n/m COVILHÃ	1.376 T.
n/m ALMEIRIM	9.588 T.	n/v CUNENE	9.800 T.
n/v AMARANTE	12.600 T.	n/v FOCA	2.060 T.
n/m AMBRIZETE	9.245 T.	n/v INHAMBANE	9.619 T.
n/m ANA MAFALDA	3.643 T.	n/v LUSO	10.125 T.
n/m ANDULO	9.245 T.	n/v MARIA AMÉLIA	3.005 T.
n/m ANTONIO CARLOS	2.974 T.	n/v MELLO	6.253 T.
n/m ARRAIOLOS	9.588 T.	n/v MIRANDELA	8.280 T.
n/m BELAS	7.259 T.	n/m SÃO MACÁRIO	1.221 T.
n/m BORBA	7.259 T.	n/v SAUDADES	6.430 T.
n/m BRAGA	7.224 T.	n/v SILVA GOUVEIA	1.353 T.
n/m BRAGANÇA	7.224 T.	n/v ZÉ MANEL	1.240 T.

TOTAL: 196.277 TONELADAS

REBOCADORES:

«AFRICA», «CINTRA», «ESTORIL»,
«FREIXO», «SÃO CRISTOVÃO»,
«SOURE», «PRAIA DA ADRAGA»
E «PRAIA GRANDE»

33 Batelões (7 de 500 T., 24 de 400 T. e 2 de 250 T.)

25 Fragatas de (2.300 T.)

1 Barca de água (250 T.)

1 Draga «BARREIRO» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m³ cada

EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

n/m «Rita Maria» de 3.600 T. e para 70 passageiros e n/m «Manuel Alfredo» de 3.600 T. e para 12 passageiros

CARREIRAS DE LISBOA PARA:

NORTE DA EUROPA • NORTE DE ÁFRICA • CABO VERDE • GUINÉ • ANGOLA
ARGENTINA • ESTADOS UNIDOS • TERRA NOVA • GROENLANDIA
E COSTA DE PORTUGAL

A COMPANHIA QUE MAIS NAVIOS TEM AO
SEU SERVIÇO, CONSTRUÍDOS EM PORTUGAL
NOS ESTALEIROS DA COMPANHIA UNIÃO
FABRIL NO BARREIRO E EM LISBOA

TOSSE ?

HORAS CALMAS



COM

BENZO-DIACOL